ORGANIZAÇÃO

ESPINHO
CÂMARA MUNICIPAL

APOIO

Freguesia
Espinho

EXPOSIÇÃO

Museu Municipal de Espinho
Centro Multimeios de Espinho
Junta de Freguesia de Espinho

1 de Julho a 30 de Setembro de 2023

PRODUÇÃO
Museu Municipal de Espinho

JÚRI DE SELEÇÃO
Maria Manuel Cruz | Presidente da Câmara Municipal de Espinho
Armando Bouçon
Helena Mendes Preira
Rosa Valiente
João Silvério
Diogo Nogueira

COMISSÃO EXECUTIVA
Berta Martins Pereira
Tiago Castro

CURADORIA DAS EXPOSIÇÕES DE ARTISTAS CONVIDADOS
Ana Pais Oliveira

MONTAGEM
Adriano Ferreira

APOIO
Abel Casal Ribeiro
Pedro Pinheiro
Sónia Reis

CATÁLOGO

DESIGN GRÁFICO E CONCEPÇÃO
Tiago Castro

LOGO "BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE DE ESPINHO"
Tiago Castro

CITAÇÃO CONTRACAPA
Maria Manuel Cruz | Presidente da Câmara Municipal de Espinho

IMPRESSÃO
Greca Artes Gráficas, Lda.

EXPOSIÇÕES DE ARTISTAS CONVIDADOS

CENTRO MULTIMEIOS DE ESPINHO

O MAIS ÍNTIMO QUOTIDIANO

JUNTA DE FREGUESIA DE ESPINHO

TENS TEMPO E ESPAÇO PARA CRIAR ?

7ª. BIENAL Internacional DE ARTE DE ESPINHO

Exposição internacional a Concurso
-Museu Municipal de Espinho-

7.ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE DE ESPINHO

Num ano especial, em que comemoramos o 50º aniversário da Elevação de Espinho a Cidade, a Bienal Internacional de Arte de Espinho está de regresso para uma 7ª edição que promete ser um excelente momento de promoção cultural e valorização das artes no nosso concelho.

Dando particular destaque à produção e expressão artística no desenho, pintura e escultura, a 7ª Bienal Internacional de Arte de Espinho cumpre o desígnio de se afirmar como uma montra de referência a nível regional, nacional e internacional, contando com mais de 240 candidaturas de artistas provenientes de todo o mundo.

Através das 52 obras selecionadas pelo júri da Bienal para esta exposição, partilhamos o olhar e a visão de cada artista sobre a realidade que o rodeia, expressos com a singularidade e mestria que certamente contribuirão para o enriquecimento cultural de todos os visitantes desta 7ª Bienal Internacional de Arte de Espinho.

Numa lógica de descentralização e democratização do acesso à cultura e à arte, apostamos para a edição de 2023 na existência de outros espaços expositivos, com duas exposições de artistas convidados nas galerias da Junta de Freguesia de Espinho e do Centro Multimeios e curadoria da artista Ana Pais Oliveira, que mantém residência artística no Fórum de Arte e Cultura de Espinho.

Esta é, também, uma Bienal aberta a jovens criadores, que encontram nesta mostra de artes plásticas uma oportunidade para mostrar o seu trabalho e valor artístico, numa verdadeira celebração partilhada da arte contemporânea.

A arte é muito mais do que um veículo privilegiado de comunicação e expressão, de partilha de sentimentos, sensações e emoções. É também um exercício de cidadania ativa, livre, independente e criativa, que liga e fortalece toda a comunidade.

Agradecendo o contributo de todos os artistas e o trabalho desenvolvido pelo júri desta mostra, faço votos de uma excelente 7ª Bienal Internacional de Arte de Espinho.

Viva a Arte, Viva a Cultura, Viva Espinho!

MARIA MANUEL CRUZ
PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO

A BIENAL EM ESPINHO

No próximo dia 1 de julho, as Galerias Amadeo de Souza-Cardoso, habitualmente, dedicadas a exposições de arte, abrem as suas portas, para que aconteça a inauguração da Bienal Internacional de Arte de Espinho, resultando na sua sétima edição.

Ao longo dos meses de julho, de agosto e de setembro, o presente projeto expositivo, que tem vindo a reforçar o seu crescimento, sobretudo, mas não só, ao nível da sua qualidade, com obras de inúmeros artistas, oriundos de diferentes contextos, de diferentes experiências e de diferentes origens, e que, também por isso, ou talvez por isso mesmo, tem vindo a conquistar, paulatinamente, uma outra visibilidade a nível nacional e a nível internacional, bem como, a merecer públicos e reconhecidos elogios, vai acontecer em Espinho.

Mantendo o objetivo de reconhecer o talento, em particular, das novas gerações de artistas, nacionais e internacionais, a presente edição, que tem vindo a reforçar o intercâmbio cultural e a criação artística contemporânea, foi, desta feita, idealizada de forma diversa, razão pela qual, ocupará, não só o espaço das Galerias Amadeo de Souza-Cardoso, deslocalizando-se, se assim se pode dizer, por outros espaços expositivos da cidade, nomeadamente, pelas galerias da Junta de Freguesia de Espinho e do Centro Multimeios de Espinho, com exposições de artistas convidados, exposições essas, com a curadoria da prestigiada artista Ana Pais Oliveira, com residência artística no FACE – Fórum de Arte e Cultura de Espinho.

Escrevi estas palavras, simples, é certo, mas densas e carregadas de sentimento, para cada uma de vós, para cada um de vós, que fizeram e que vão fazer acontecer a Bienal Internacional de Arte de Espinho, agora na sua sétima edição, em particular para o prestigiado júri e para os incríveis artistas, repito, e a propósito, de diferentes contextos, de diferentes experiências e de diferentes origens, mas também, e como não poderia deixar de ser, para quem nos vai visitar, valorizando, sobretudo, o trabalho dos supracitados artistas.

Enquanto Chefe de Divisão Municipal, da Divisão de Educação e Cultura, da Câmara Municipal de Espinho, e enquanto pessoa humana, o meu respeito e a minha gratidão, para com cada uma de vós, para com cada um de vós.

JOSÉ MÁRIO CACHADA
CHEFE DA DIVISÃO DE EDUCAÇÃO E CULTURA DA CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO

A ARTE CONTEMPORÂNEA NOS 50 ANOS DA CIDADE DE ESPINHO

O Museu Municipal de Espinho apresenta a 7.ª Bienal Internacional de Arte de Espinho como uma forma de pensar a arte contemporânea nas áreas do desenho, pintura e escultura.

Este ano, e à semelhança do que fizemos na Bienal anterior, continuamos a apostar na dinamização de espaços culturais emblemáticos da cidade, com três exposições pensadas para o Museu Municipal de Espinho, Centro Multimeios e Junta de Freguesia de Espinho.

No ano em que a cidade comemora os seus 50 anos, a Bienal de artes plásticas pretende ser um poderoso meio de comunicação cultural, dando espaço à imaginação e criatividade de artistas oriundos de diversos "mundos", transformando-se numa plataforma plural que promove de forma ativa a liberdade, diversidade e a experimentação, não esquecendo o pensamento crítico sobre a realidade que nos envolve. É, sem dúvida, um lugar de ação, de diálogos e oportunidades para os jovens artistas em início de carreira.

As duas exposições de artistas convidados – "O mais íntimo quotidiano" e "Tens Tempo e Espaço para Criar?" – refletem a procura de novas estéticas e interpretações da arte contemporânea, num excelente trabalho de curadoria da artista Ana Pais Oliveira. Na primeira exposição, os onze artistas presentes abordam o tema da casa "enquanto o lugar por excelência, apropriando-se, em muitos casos, de modos de dizer próprios da arquitetura para o espaço do objeto artístico." Já em "Tens Tempo e Espaço para Criar?", a Bienal de Espinho continua a dar voz às mulheres de artes com uma exposição no feminino, numa intrínseca ligação entre a mulher artista e a maternidade.

Um agradecimento especial ao Júri de seleção, constituído pela Doutora Helena Mendes Pereira, curadora, professora e investigadora em arte contemporânea, João Silvério, Curador de Arte Contemporânea, Dra. Rosa Valiente, Diretora do Museu de Zabaleta, artista Diogo Nogueira, vencedor da 6.ª Bienal Internacional de Arte de Espinho, e a todos os técnicos do Museu Municipal de Espinho envolvidos na organização da 7.ª Bienal.

Aos artistas que responderam à nossa chamada e submeteram a sua candidatura à 7.ª edição da Bienal Internacional de Arte de Espinho, um bem-haja, com a promessa de um novo encontro em 2025.

ARMANDO BOUÇON
DIRETOR DO MUSEU MUNICIPAL DE ESPINHO

7ª. BIENAL internacional DE ARTE DE ESPINHO

Exposição internacional a Concurso
-Museu Municipal de Espinho-

ACÁCIO VIEGAS	10	JOANA ARAÚJO	36
ALVARENGA MARQUES	11	JOANA PITTA	37
AMY VALENTINE	12	JOSÉ ALBERTO MAR	38
ANA FERREIRA	13	JOSEFINA DIAS	39
ANA MARLENE LIMA	14	LEONARDO TEPEDINO	40
ANALICE CAMPOS	15	LUÍS FILIPE RODRIGUES	41
ANTÓNIO BAHIA	16	M. LOURDES PINTO	42
BÁRBARA ROSÁRIO	17	MANUEL PORFÍRIO	43
BELA BRANQUINHO	18	MARCOS CALVINO	44
CARLOS A. MOTTA	19	MARIA INÊS GOMES	45
CARLOS COSTA	20	MARIA PALMA	46
CATARINA BACH	21	MIGUEL NEVES OLIVEIRA	47
DANIEL XAVIER	22	NÁDIA LIMA BORGES	48
DANIELA REIS	23	NEIDE CARREIRA	49
DAVID CAPELA	24	NUNO RAMINHOS	50
DULCE CASTRO	25	PAULO TANOEIRO	51
ELENA FONT RODÀ	26	RICARDO PASSOS	52
EVA RESENDE	27	RUTE PEREIRA	53
FERNANDO ARANDA	28	SÁ-COUTINHO	54
FERNANDO AUGUSTO ROCHA	29	SAMUEL ORNELAS	55
FILIPA FIGUEIREDO	30	SETAS FERRO	56
FRANCISCA NEVES	31	SUSANA BRAVO	57
GIULIA YOSHIMURA	32	SUSANA CHASSE	58
HÉLIA ALUAI	33	TITO SENNA	59
IDALINA ROSA	34	VÂNIA KOSTA	60
INÊS SEMENTE	35	ZÉLIA MENDONÇA	61

ACÁCIO VIEGAS

Sobre a obra

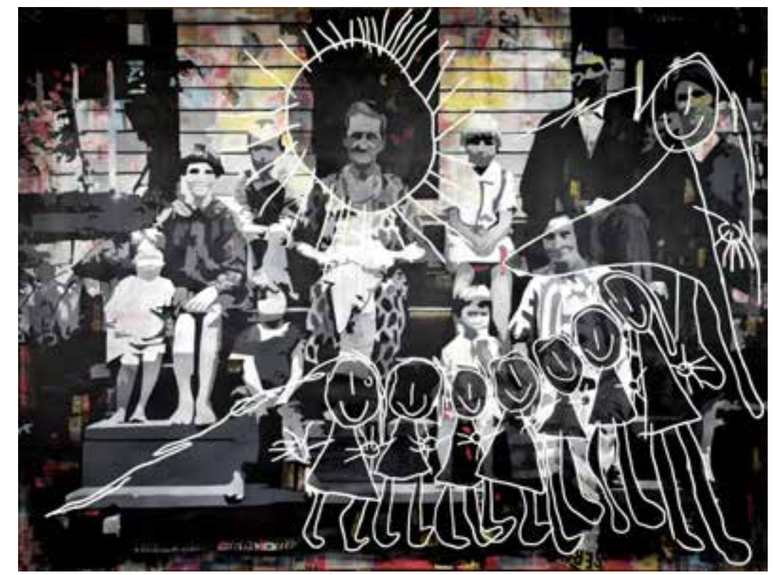
A obra pretende chamar a atenção do observador para fora do elemento principal, de maior dimensão e mais facilmente reconhecível como principal suporte de expressão artística que é a tela. Esse desvio de atenção provocado pelos outros elementos que estão fora da tela, pretende provocar o observador dizendo que é preciso fazer de outra maneira (Not in the same way), “fora da tela”.
Esta provocação pretende levar o observador a “calar a mente” e usar a intuição e a inteligência do corpo e entrar em contacto com as suas emoções.
O painel LED representa o ruido, que através da captação do som ambiente simula o ruído da mente que nos dificulta o contacto com as nossas verdadeiras necessidades e emoções.

Not in the same way, 2022
Técnica Mista: Impressão digital s/ tela, painel compósito de alumínio, equalizador Led
130x180x5 cm

ALVARENGA MARQUES

Sobre a obra

A organização da sociedade tem vindo a sofrer alterações ao longo dos tempos.
Nesta obra é feita uma abordagem ao papel da família como célula de uma sociedade em mutação.
Como cenário identifica-se a imagem antiga de uma família numerosa, fotografada em frente à sua habitação.
As figuras são trabalhadas através da mancha simplificada em tons cinza, difusas e com os pormenores como que devorados pelo tempo. Semicerrando os olhos, as imagens adquirem pormenores e conseguimos identificar cada membro da família nessa memória longínqua e imaginar o seu papel social, como por exemplo a importância conferida à matriarca (no centro).
Sobre esse cenário encontra-se esgrafitado o desenho de uma outra familia. Esta monoparental e mais atual senão através do conceito pelo menos pela expressão naif em modo de pixação…
As duas expressões exprimem neste trabalho a mutação da organização familiar muito baseada no passado pela força do coletivo por oposição ao individualismo tão característico da atualidade.



Family Tree, 2021
Acrílico s/ tela e papel
200x150 cm

AMY VALENTINE

Sobre a obra

Fragmentação e reconstrução, imagens que se formam e se transformam, numa constante mutação efémera e continua. Pássaros improváveis que se tornam estrelas, estrelas que se tornam pássaros, a inobstante diferença entre pássaro e estrela. Fragmentos de uma harmonia, de uma frequência fundamental, a obra fala-nos de noite e de dia, do mar e da luz... Sempre a luz.

Starman, 2023
Arte digital
100x142,5 cm

ANA FERREIRA

Sobre a obra

Descobri há cerca de dois anos vários meios visuais interessantes para transmitir o tema da cidade (que desde sempre me tem acompanhado), e que proporcionam atitudes de reflexão sobre as diferentes formas de transmitir e chamar à atenção da muita arte citadina que nos rodeia, e que por vezes nem damos conta.
O trabalho agora apresentado na Bienal de Arte de Espinho, intitulado “Calçada #2”, é um desenho construído com a utilização de um perfurador sobre papel de aguarela, e que faz parte de uma série de 5 desenhos, todos eles reproduzindo desenhos de calçadas portuguesas existentes nos passeios das cidades.
O desenho/objeto que construí, assemelha-se a uma passadeira, com um total de 2m de comprimento e 0,450m de altura, onde se encontra reproduzido, um desenho de uma calçada portuguesa.

Calçada #2, 2022
Desenho construído com a utilização de um perfurador s/ papel de aguarela
45x200 cm

ANA MARLENE LIMA

Sobre a obra

Todos os dias somos confrontados com novos estímulos sensoriais que nos transmitem os mais variados sentimentos e impressões.
No desenrolar das nossas vivências as cores e os sons têm um grande impacto sobre os nossos sentidos, mas a forma como os experienciamos é diferente em cada um de nós.
O resultado sinestésico da obra "Vibração Pictórica" representa as sensações por mim sentidas em um determinado momento em que fui confrontada com novas experiências.
As vibrações sonoras e as emoções que fui sentindo são representadas através das múltiplas cores e formas, convergindo para um padrão central apoteótico onde se interligam e sobrepõem.

Vibração Pictórica, 2023
Acrílico s/ tela
90x110x4,5 cm

ANALICE CAMPOS

Sobre a obra

A obra Estreito deriva da série Estreito I, II, III e IV e foi concebida especificamente para esta Bienal. Trata-se de desenhos em que se explora uma ideia de extrema verticalidade.
O título Estreito faz referência ao lugar geográfico que conhecemos, o estreito, mas também a um formato pouco comum, pelo menos na cultura ocidental, na representação da paisagem (muito estreito e alto), o que requer uma execução contínua de cima para baixo, tal como acontece nos textos chineses cujos caracteres também são desenhos.
São desenhos-textos (ou textos-desenhos) que têm um caráter fragmentado e sem continuidade interna, construídos através de uma espécie de corte e colagem de imagens retiradas da memória, como flashes dispersos adicionados ao suporte sem qualquer lógica sequencial entre as partes.
Estas «pseudo-paisagens» são interrompidas por pequenos espaços vazios, com formas mais ou menos geométricas, que interferem na imagem como elementos dissonantes e perturbadores. A imagem da paisagem é montada e manipulada sem referência a um espaço geograficamente identificável, oferecendo lugares que transitam entre o reconhecível e o improvável, entre a familiaridade e a estranheza.

Estreito, 2023
Giz Art Graf
200x120 cm

ANTÓNIO BAHIA

Sobre a obra

A reflexão sobre a existência humana, o momentâneo e o efémero são alguns dos conceitos que marcam a actualidade e através dos quais se pretende fazer uma reflexão sobre a vivência contemporânea.
Questões como a mobilidade, globalização e a aculturação estão associadas ao processo de desenvolvimento desta serie de trabalhos (sobrevoo). Conceitos estes passiveis de associar à evolução das sociedades modernas e que tendem paradoxalmente a nivelar o conhecimento das diferentes populações em detrimento das suas diferenças que lhes conferem identidade e essência.
Do isolamento urbano retratado por Hopper ao realismo "plural" de Tim Eitel, são referências que se evidenciam nos trabalhos actuais de António Bahia.

Sobrevoo #11, 2022
Óleo s/ tela
104x91 cm

BÁRBARA ROSÁRIO

Sobre a obra

Ensaio de Fadiga e Impacto surge no contexto de uma exposição individual da autora intitulada Corpo de Prova (Dentro, Porto, 2022). O conjunto de objetos que integravam essa exposição desenvolveram-se a partir de simulações que procuravam praticar exercícios sobre uma espécie de nova matéria corporal conceptualizada, fazendo-a sofrer ações produzidas por um agente externo/máquina mecanizado. Neste ensaio há ausência de movimento literal mas é na mesma criada uma suspensão para observar o efeito da força exercida sobre a matéria. Este objeto-corpo que nos é apresentado está tensionado e a ser tocado, sugerindo uma proposição de esforço. Esta peça e as suas congéneres decorrem de uma vontade de projetar melhorias no espaço de fragilidade e falha do corpo. A construção ou o aprimoramento numa perspetiva pós-humanista: o corpo mortal degenerativo e a sua finitude agem como potenciadores do desejo de liberdade, autodeterminação, felicidade e imortalidade. Essa procura acaba por resultar em representações de uma alternativa futura, mas também em representações das provações que o presente constitui – conduzindo a uma contemplação do esforço, resistência e superação.

Ensaio de Fadiga e Impacto, 2022
MDF, ferro, látex e tira de leds
60x120x90 cm

BELA BRANQUINHO

Sobre a obra

Estas duas pinturas complementam-se, representam a natural continuação uma da outra e por isso constituem um díptico a que dei o título de “Linhas na Água”.
São linhas, sombras e texturas desenhadas num ambiente aquático mas simultaneamente espacial arquitectónico, constituindo um desafio ao imaginário de cada observador.
Paisagem inundada, água que flui entre construções, quietude, silêncio, sombras, imagens reais e imaginadas sem limites, à medida de cada observador.
Cada uma delas possui elementos distintos que dialogam infinitamente entre si, construindo histórias diferentes cuja percepção depende necessariamente da distância a que se encontra o observador.

Linhas na Água, 2021
Acrílico s/ placas de mdf e molduras
100x145 cm (díptico)

CARLOS A. MOTTA

Sobre a obra

Minha indagação sobre a obra de José Saramago e todos os questionamentos, que faço, me coloquei, no papel de um de seus personagens, refletindo, tentando entender, como seria diante da cegueira mesmo momentânea, minha forma de reagir ao fato.
Seguindo e deixando fluir minha imaginação, criei uma obra bidimensional, pintada com tinta acrilica, rostos delineados, agrupados como objetos simetricamente parecidos, porém apenas com diferentes tons de pele, que representam e diferenciam a humanidade partindo da primícia, que todos somos iguais, e nos tranformamos quando se por algum motivo, vivenciamos algo inesperado.
Dando um diferencial a obra e ao mesmo complementando, criei uma moldura, feita com madeira, em forma de grades, onde coloco todos “encarcerdados”, numa metáfora sobre nosso comportamento diante das adversidades da existência humana, em referência a obra José Saramago.

Encarcerados, 2022
Acrílico s/ madeira
93x120 cm

CARLOS COSTA

Sobre a obra

O autor com esta obra de 4 elementos, que se encaixam na perfeição, pretende mostrar, cada vez mais, a necessidade da importância do valor do diálogo entre os Homens no mundo em que vivemos (daí estar em círculo). Escolheu o lugar à lareira para lembrar a importância dos serões de antigamente em família, onde o mais velho (aqui representado no elemento de bronze) contava histórias de encantar.
Quanto aos materiais escolhidos pretende, indubitavelmente, apelar para a sua preservação e eternização.

Diálogo à Lareira, 2023
Bronze e madeira
50x50x50 cm

CATARINA BACH

Sobre a obra

Nesta ampla presença diáfana, como uma pele fina de água, a própria imagem sofre pelas marcas do seu movimento, neste caso, um movimento que parou no tempo. O desenho de cariz mais orgânico e penetrante, no entanto abstrato, de linhas que se cruzam e querem comunicar uma imagem, estão agora estagnadas entre duas camadas de vidro por uma longa efemeridade. Efêmero, porque o suporte assim o é. Isto leva-nos a pensar na subtileza do tempo e a sua tensão entre o efémero e o eterno, onde apesar do desejo de permanência do desenho marcado a fios de arame modelados, na fragilidade que o vidro representa habita uma sensível existência onde tudo se pode extinguir. Para este pensamento, podemos ter como referência tudo o que é existência: o ser-humano, um animal, uma planta. Traz à tona a necessidade de compreender que a vida onde nos encontramos estagnados, apesar de bela, é efémera. Apesar disso, o desenho revela ser um fenómeno essencial pela potencialidade que só ele possui em marcar uma gestualidade da própria ação da prática. São criadas intuitivamente, quando o corpo foi mostrando necessidade em deixar o seu rasto, de marcar o seu gesto, o seu movimento, pela luz, pela sobreposição, pela distorção, pela deslocação, pela repetição, não representando algo em particular. Todo este processo por vezes tem algo de performativo e o próprio desenho é algo em constante transformação, que só termina no momento da fusão do vidro, um momento inédito e autónomo.

Manto de existência, 2022
Fusão de vidros com fio de cobre, latão e ferro
120x95,5 cm

DANIEL XAVIER

Sobre a obra

Em pleno século XXI, a sociedade continua a desfigurar e a flagelar o auto-conceito e a auto-estima. Aprisionamo-nos em nós próprios a partir do valor que enfatizamos da observação e comentário alheios. Suportamos e valorizamos que nos digam o que somos, quando os outros apenas lêem e difundem, sem entrelinhas, o que parecemos.
E se fôssemos, sempre, quem genuinamente somos? Teria o mundo ousadia ou capacidade para ditar ou dizer o que deveríamos ser?
Deixamos que os outros nos habitem e pesem de forma desmedida. Deixamos que os outros amanheçam e anoiteçam na nossa liberdade de ser e exprimir. E, nessa liberdade transparente que nos é constantemente alterada e, até, roubada, tornamo-nos o escuro e os gestos que nos sufocam e, em última análise, nos mascaram ao ponto de não mais nos reconhecermos.
E é essa falta de conhecimento e reconhecimento, auto e interposto, que continuará a levar-nos para longe da essência que nos compõe e que nos fecha no escuro de uma jaula em quarto sem janelas que nos envolve.

Can you observe me, please?, 2023
Óleo s/ papel
70x100 cm

DANIELA REIS

Sobre a obra

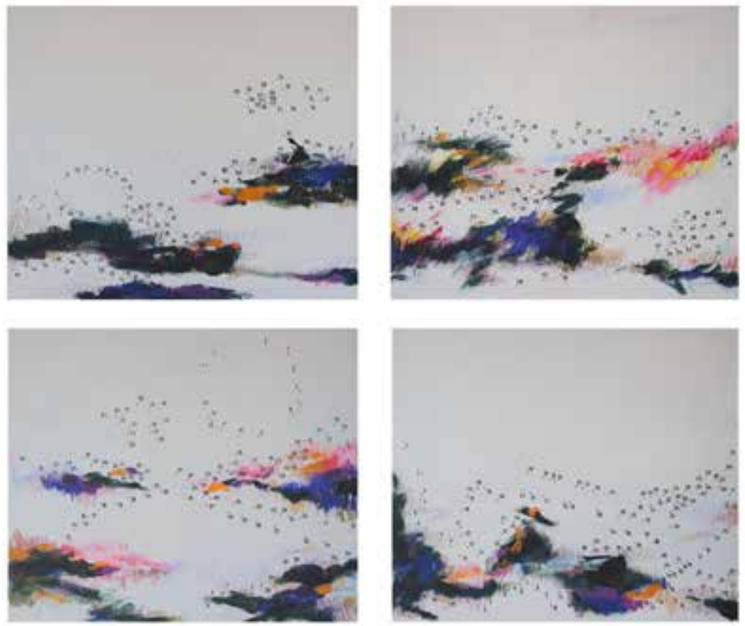
Enquanto respiro, tenho esperança.
A necessidade absoluta de acreditar que a seguir à tempestade sempre vem a bonança, de que juntos somos mais fortes e de que a Arte é por excelência, um lugar de diálogo, de pontes e crescimento.
A obra “Dum Spiro Spero” é constituída por quatro peças, como se frames de memórias ou de imagens do mundo se tratassem. Insere-se num conjunto de obras, nunca apresentadas em conjunto ao público, com o nome “Ver arder o Mundo”. Estas obras têm em comum uma paleta de cores muito fechada, a tender para os negros e ocres, com ênfase nos jogos de luz que acentuam a sua dimensão poética e emocional.

Dum Spiro Spero, 2020/23
Óleo s/ papel
140x200 cm (políptico)

DAVID CAPELA

Sobre a obra

As pinturas retratam paisagens representativas de imagens espaciais (retiradas da série televisiva “Space:1999” de 1975) e sugerem que a memória, na sua condição mais abstrata, é algo frágil, fragmentada e composta por pequenos pedaços de lembranças desconexas.
O processo plástico teve como base o estudo de uma combinação entre abstracionismo expressivo e realismo visual. O resultado traduz-se numa mesclagem de representações de diferentes camadas que propõem a ligação de pontos e a criação de uma imagem mental sobre uma paisagem dissimulada.



Space landscapes (n.º 31, 198, 77/80, 233), 2022
L*ápis, acrílico e tinta de serigrafia s/ painel de madeira*
142x118 cm

DULCE CASTRO

Sobre a obra

Interioridade é uma peça de escultura têxtil cuja referência formal nos transporta de imediato para um lugar de reflexão.
É um objeto construído estruturalmente em esponja, suspenso por um cabo de aço. O seu interior é forrado a tecido vermelho de onde partem tubos revestidos a cetim da mesma cor.
Toda a superfície foi elaborada em camadas sobrepostas de matéria. Pintura, colagem, tecidos e rendas antigas impregnadas de história, misturam-se com sinais de escrita automática.
Pensamentos e inquietações são materializados em escrita desprovida de regras. As palavras soltas por impulso, são amontoadas numa superfície de tons neutros repleta de significado. Sulcos de textura misturam-se com grafismos de texto nem sempre percetíveis. Segredos guardados em emaranhados de cor, texturas e linhas.

Interioridade, 2022
Técnica mista
300x200 cm

ELENA FONT RODÀ

Sobre a obra

Liebeslied 7 forma parte de una serie de obras inspiradas en un poema del mismo título de un poeta catalán: Joan Vinyoli.
Habla del paso del tiempo, de las relaciones que establecemos y de las vinculaciones sensoriales y emotivas que forman parte de nuestra experiencia vital.
He utilizado el papel en mi obra para expresar esta parte finita y cambiante. Papel blanco dónde cabe todo, material delicado que el tiempo degrada y oscurece .
La trama que encaja y crea relaciones, vínculos…….”i té el meu cor tan a prop tan a prop!”

LIEBESLIED 7, 2022
Papel s/ madeira
60x60x12 cm

EVA RESENDE

Sobre a obra

Referindo a teoria da Melanie Klein, do “objecto bom” (para a artista, fotografias da faculdade, de amigos, cartas de amor ou ambientes familiares) ou o “objecto mau” (fotografias da sua mãe, e documentos sobre suicídio e depressão) estas imagens materializam-se numa única obra de arte, e que, no entanto, cada imagem quer ter a sua independência imagética, reflexiva, mesmo de forma abstracta.
A desenvolve-se em torno de uma triangulação entre o arquivo autobiográfico, a pintura e o texto biográfico.
As imagens são feitas através do processo cameraless em que a luz que incide sobre a química fotossensível é o elemento que as faz revelar - por contacto com o negativo fotográfico ou pintado sobre acetato - aqui o que vê, não é o humano nem a câmara fotográfica, mas poeticamente esta pode ser substituída pelo sol.
Esta dicotomia de revelar e fazer desaparecer é um sintoma fenomenológico de esquecimento e recordação de episódios traumáticos que se entrelaçam com a teoria da pulsão de vida e de morte de Melanie klein.
Esta repetição é utilizada de forma terapêutica e catártica para ultrapassar a morte da pulsão. O processo de escrever e gravar o texto, de forma cíclica, deixando um resquício fantasmagórico e fragmentário do texto biográfico original, ganha um novo corpo; um esquecimento e distanciamento do trauma.

Palimpsest (memory, family and repetition) Nº2, 2021
Goma bicromatada em tecido e montado s/ madeira, tinta acrílica, pigmentos e verniz
195x199 cm

FERNANDO ARANDA

Sobre a obra

Cordillera es la representación del viaje de montaña, del camino al andar. En esta pintura me propuse pintar los entrecruzamientos diagonales de los bordes de las montañas ya que esto me permite dar una sensación una distancia cercana, pero al mismo tiempo con una profundad grande. Esta pieza es un recorrido con la mirada por los diferentes caminos de las franjas de montañas, la Cordillera. Por otro lado, también buscamos la sensación de estar por dentro del pasaje debido a la composición y perspectiva sin cielo en el horizonte, es decir, estamos por dentro de la Cordillera como estuviéramos recorriéndola.

Cordillera, 2023
Óleo s/ tela
118x118x5 cm

FERNANDO AUGUSTO ROCHA

Sobre a obra

A obra que proponho apresentar à 7.ª Bienal Internacional de Arte de Espinho (sem título) é de caracter abstrato e expressionista.
É uma abordagem monocromática, cuja ausência de outras cores para além do preto,do branco e de matizes cinzentas pretende realçar o contraste entre as “sombras” e a “Luz”.
Tem uma aparência fluída, gestual que encobre uma estrutura subjacente que lhe confere equilíbrio.
É uma tela relativamente generosa 140x140 cm para permitir uma plasticidade gestual mais larga e mais “livre”.
A ausência de um título (algo muito comum nos meus trabalhos) pretende conferir a quem vê a obra a ausência de um pré condicionamento na interpretação pessoal da mesma.

S/ Título, 2022
Acrílico s/ tela
140x140 cm

FILIPA FIGUEIREDO

Sobre a obra

Esta pintura fez parte de uma exposição com o mesmo nome e retratou a necessidade da Viagem, não como fim de Destino mas como um conceito de descoberta e de autoconhecimento. “The Journey Is the Destination” apelou à apreciação do momento presente, foco e encanto pelo caminho que percorremos.
Esta série de pinturas foram criadas de raiz para a Sala de Exposições Centro de Cultura Dr. Henrique Ordovás Filho (em Caxias do Sul, Brasil) tendo em conta a sua dinâmica e dimensões. Foram utilizados para o seu desenvolvimento pigmentos naturais (alguns realizados por mim ou trazidos de diferentes partes do mundo), tinta japonesa e papel de gravura. As suas dimensões são 140 x 110 cm e a sua elaboração foi no ano de 2021.
Devido à situação pandémica dos dois últimos anos, vi-me de alguma forma impossibilitada de procurar estes lugares repletos dessa sensação de silêncio e quietude que tento recriar nas minhas pinturas. Habituada a este refúgio, pude ter a real perceção da sua importância.
Todas as séries de pinturas desenvolvidas nos últimos anos são alusivas a atmosferas e impressões de lugares, tentando captar e remeter para o silêncio e todas as suas conotações e sensações associadas. De todas elas fazem parte conceitos como amplitude, observação e repetição da pausa.

série “The Journey Is The Destination”, 2021
Técnica mista s/ papel: pigmentos naturais e tinta japonesa s/ papel de gravura
140x110 cm

FRANCISCA NEVES

Sobre a obra

Percorrer o espaço possibilita-me visualizar a abundante variedade de cores, estruturas, pormenores, texturas, movimentos das plantas e as formas das sombras que o sol gera á medida que o tempo passa. A particularidade da estruturação e da constituição de cada planta incentivou-me para a criação de obras de arte com a mesma linguagem e composição. Nada é mais belo que a natureza.
As obras bidimensionais são caracterizadas pela constante sobreposição das sombras, estas apresentam a dificuldade da descodificação do fim do movimento do traço. São trabalhos de pormenor, precisão e delicadeza aos quais demonstram as várias possibilidades de exposição da sombra da planta, valorizando cada caminho, forma e detalhe que a sombra possibilita.
Desde a semente ao brotar da flor, que dará o fruto, a planta vai sofrendo várias mutações com instabilidades climáticas, ausência de água, pragas que prejudicam o seu desenvolvimento, entre outros fatores. Infelizmente muitas delas acabam por desistir, mas grande parte resiste e persiste pelo propósito da procriação, para que a espécie perdure por mais anos e conquiste mais territórios.
Cada planta tem características que as identificam, mas o que lhes dá o nome é a folha. A folha é como o rosto da planta, tal como nós os humanos sabemos quem é a pessoa pela identificação do seu rosto.

Sombra de Luz, 2021
Tinta-da-china s/ papel
61x70 cm

GIULIA YOSHIMURA

Sobre a obra

A obra “O peso do que não está mais aqui” é composta por uma escultura em vidro soprado sobre um tronco de árvore, e cinzas depositadas na cavidade superior. A peça possui 45 cm de profundidade, 23cm de largura e 15cm de altura pesa 3 kilos.
A escultura propõe a reflexão sobre o pesar da natureza que por ter sido devastada, já não se encontra mais aqui. Reflete a presença somente sentida na ausência, e o que resta para ocupar esse vazio. Através da materialidade do vidro e da leveza por trás da técnica de sopro forma-se uma impressão, um rastro de um tronco que esteve ali e se foi, mas que deixa uma marca.

O peso do que não está mais aqui, 2023
Vidro soprado
45x23x15 cm

HÉLIA ALUAI

Sobre a obra

De Profundis, parte da ideia da perde de memória, e sem ela a incapacidade de se relacionar com o mundo exterior e, acima de tudo, à sua própria identidade. Inspirada na obra literária de Antonio Cardoso Pires, “De Profundis, Valsa Lenta” - 1997, associada a minha própria vivência, interpretação e capacidade de transmissão de ideias. Esta obra fala de discussão, angustia mas principalmente de lutar consigo própria para não se deixar partir. Esta obra insere-se na continuidade da pesquisa artística, em torno do conceito: de Memória, identidade e temporalidade que venho desenvolvendo depois de alguns anos a esta parte.

De Profundis, 2023
Bordado: Tecido, fio e bastidor de bordado
30x2x250 cm

IDALINA ROSA

Sobre a obra

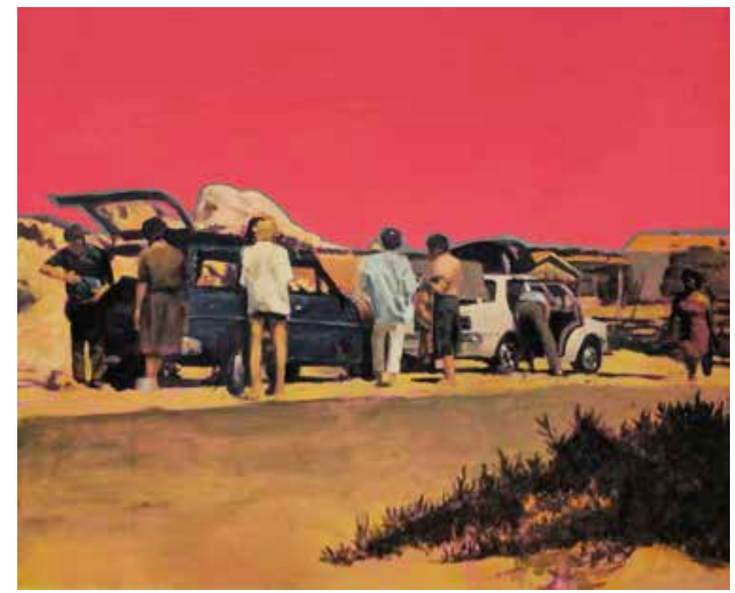
A minha reflexão ao executar este trabalho, assenta num conjunto de valores morais e princípios, que norteia a conduta humana na sociedade, e serve para que haja equilíbrio e bom funcionamento da mesma. Digamos, uma série de comportamentos, mais ou menos padronizados.
No entanto, nós nascemos criativos, mas o mundo externo, cria-nos medos no seu julgamento quanto às regras impostas que tanto nos inibem.
Pensar fora da caixa, significa romper os limites que a própria mente nos impõe, e só desta forma será possível inovar, criar e até encarar as situações sob uma nova perspetiva.
Esta minha reflexão, levou-me a fazer uma representação de espaços de caráter geométrico, que poderá sugerir tridimensionalidade e ao mesmo tempo formas planas criando uma visão fraturada da realidade, apelando até ao (cubismo).
Tentei ainda romper com os limites da conceção tradicional e académica de uma obra, para lhe conferir substância, volume geométrico e cor, na procura de espaços sem dimensão.
Esta, será adquirida apenas pela capacidade visual do fruidor.

Fora da Caixa, 2023
Técnica mista s/ tela
100x100 cm

INÊS SEMENTE

Sobre a obra

A pintura representa um acampamento de família nos anos 90. A imagem pretende de alguma forma criar um efeito desanestésico com as memórias.



Ribeiros, 2023
Acrílico s/ tela
50x60 cm

JOANA ARAÚJO

Sobre a obra

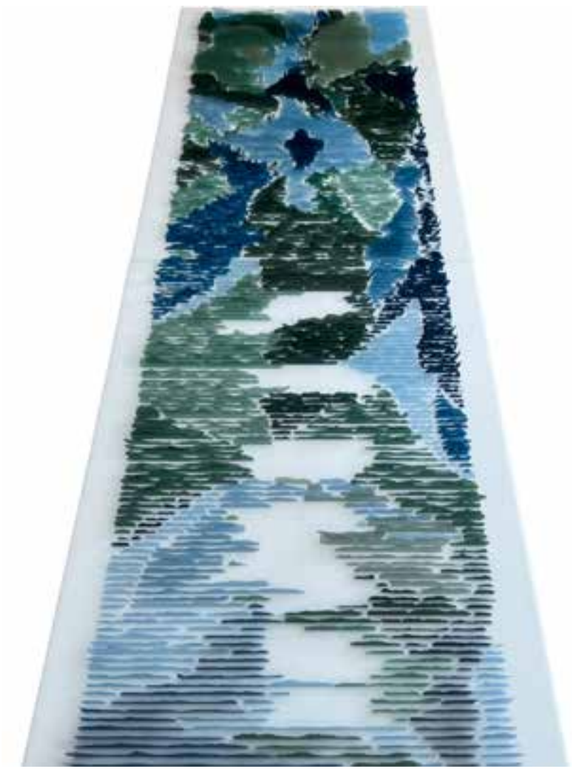
No chão encontra-se a primeira parte desta paisagem pictórica, numa tentativa de mimetizar a experiência da vida que acontece em pequenas vegetações banais. No meio, um vaso está pousado, que pelas linhas curvas e cor que envolve todo o seu exterior cria uma ligação de semântica para o que estaria adiante ao dirigir-se verticalmente para uma paisagem que preenche o olhar. No centro deste emaranhado de cores e gestos, duas figuras envolvem-se num momento íntimo. Perdem-se uma na outra, abraçadas pela vegetação alta que cresce em direção ao céu.

S/ Título, 2022
Óleo e Vaso sobre MDF
180X240cm e 70x120cm

JOANA PITTA

Sobre a obra

A obra “Nascente” é uma instalação vertical composta por películas impressas sobre acrílico. Devido ao seu tamanho, a experiência visual transforma-se consoante o olhar. Inspirada na relação entre água, montanhas e vazio, é uma metáfora sobre a fluidez e mudanças que ocorrem na natureza.
A água é representada como elemento que cria caminhos e trajetórias incontroláveis. As montanhas, por sua vez, são um símbolo de magnitude, estabilidade e resistência. O espaço vazio representa um ponto de transição entre esses dois elementos, um momento de pausa e equilíbrio.
Ao observar a obra, o espectador é convidado a fazer uma pausa/ruptura na sua visão/rotina e é sugerido que contemple uma imagem irreal da sua imaginação. A partir da imagem abstrata da natureza, as películas impressas e o seu recorte, adicionam textura e profundidade à peça.



Nascente, 2023
Película impressa e acrílico
190x59 cm

JOSÉ ALBERTO MAR

Sobre a obra

Trabalho visual baseado no mito grego do “Labirinto de Dédalo”. Na composição, de raiz geométrica, a linguagem basicamente criptografada aproxima-se de várias escritas ancestrais, sendo concretizada pela inclusão coordenada de signos, compostos por elementos a priori abstratos e outros pictográficos.
A conjugação de planos sígnicos remete o título para um referencial de factos históricos, assim como para outras investigações e reflexões pessoais do autor acerca da Natureza (no seu sentido mais lato) e da amplitude ontológica do ser humano e suas circunstâncias.
Numa possível narrativa atual do título adotado podemos elaborar uma leitura acerca da revelação dos desafios do indivíduo diante de estruturas que, ao contrário de o dignificarem, o tornam menor.
Ao entrar e manter-se no “labirinto”, o indivíduo torna-se um “objeto” que se vê confundido nos ditames da rotina mecânica e em ações desprovidas de sentido humano, sob o ponto de vista de um Humanismo logosófico. É o contrário do ser humano livre que cria valor, para si e para os outros, e ao ter consciência disso torna-se protagonista da condição de dar significado à (sua) vida.
A elaboração da composição é constituída sobretudo pela combinação das cores preto e branco que, através de uma leitura semiótica da cor, transporta para o que é “inequívoco” fazendo acentuar o alfabeto nas suas singularidades e relações. A espiral geométrica, em azul, pretende incluir no trabalho a confirmação imagética significante da obra.
Gestos que continuam a inaugurar um universo próprio, marcado pelos ritmos intuitivos e íntimos do autor, veículo cúmplice de um ofício estético aberto a múltiplas interpretações.

O Labirinto de Dédalo, 2020/23
Acrílico s/ tela
91x91 cm

JOSEFINA DIAS

Sobre a obra

Esta peça de escultura cerâmica foi desenvolvida em várias “etapas” ou “fases”.
Este projeto resultou dum processo contínuo de incorporação duma certa linha de pensamento e ação materializado em adição e subtração da matéria, neste caso “barro cerâmico”.
Assim, inicialmente começou com a elaboração de placas de superfície lisa com sensivelmente 1cm de espessura onde foram,”escavados” “sulcos” ou “ ranhuras” de onde a onde, nos quais foram colocados posteriormente “tubos” modelados manualmente um a um, preenchendo as ditas “ranhuras” ou “sulcos”.
De realçar que a superfície interior da peça foi trabalhada da mesma forma,mas em oposição à superfície superior da mesma.
Na etapa final as placas são “coladas” umas às outras formando uma espécie de “arco”. Esta peça apresenta um aspeto homogéneo podendo ser interpretada como uma espécie de “Roda da Vida”. É essa mesma interpretação e significado que representa para mim.

S/ Título, 2022
Lastra chacotada e vidrada a 1 080°c
40x30x50 cm

LEONARDO TEPEDINO

Sobre a obra

A ideia base é formar uma coluna erodida em seu centro, retirando matéria do corpo da escultura até o limite físico do seu rompimento, abrindo neste ato, um espaço vazado no corpo da coluna, produzindo um contato entre o espaço de fora e o espaço de dentro da escultura, de modo que o ar e a visão atravessam a escultura, que se abre ao mundo, inserindo-se nos contextos onde colocada. Pilar espinho, então é um pilar fragilizado em sua estrutura até o limite do rompimento, física e simbolicamente é oportunidade de contato entre dentro e fora, entre o espaço do mundo e o espaço construído pela relação do espectador com a escultura. Existe neste gesto de esgarçamento, um endurecido do gesto porque o gesto resulta de um processo que inclui certo projeto, onde retiro matéria ao longo de 4 peças de madeira e depois as junto numa única coluna.

Pilar espinho, 2020
Madeira Peróba do campo
14cm x 14cm x 168cm

LUÍS FILIPE RODRIGUES

Sobre a obra

O titulo “queda de um tempo” refere-se à queda da sua natureza cronológica e linear. Com efeito, a sucessão de memórias, sendo de livre associação, remete-me para o flutuar de ideias, para a errância de pensamentos intermitentes e para uma viagem ao futuro, na experiência do presente e com expectativa de um futuro que desejo vislumbrar, ou seja, para um sem-tempo.
O tempo que está presente no processo criativo, ou melhor, o processo criativo, que está presente no tempo, será sempre desafiante quando o tempo, elevado a uma importância deificada, caia para a sua condição telúrica e, assim, se torne tangível e sensível, mais do que transcendental e abstrato.
Portanto, em certos momentos da vida, a queda do tempo, das alturas celestiais, cria fissuras na idealização do que é a narrativa da vida, tantas vezes, associada a um percurso circular e, como diria Nietzsche, de “Eterno Retorno”. Não me associo, portanto, a este retorno sucessivo à origem, mas sim, e propulsionado pelo processo criativo, para um sem-fim, para uma origem sem ponto de partida aonde retornar. Ou seja, com o processo criativo, apenas redescubro a fonte vida – que está no aqui e agora; tantas vezes ofuscada pela razão dos limites da cronologia, mas que, quando o tempo cai para um fundo sem princípio, se torna infinita.

A queda de um tempo, 2021/22
Caneta de gel s/ papel
195x70 cm

M. LOURDES PINTO

Sobre a obra

Através da composição e do equilíbrio cromático, procuro visualizar, formas na penumbra para além dos diferentes planos onde podemos imaginar quanta poesia está refletida nas sombras presentes, num universo próprio onde elas coexistem com os espaços vazios existentes.

Subtilezas, 2022
Acrílico s/ tela, grafite
73x92 cm

MANUEL PORFÍRIO

Sobre a obra

Interrogar a operação estética que suporta a criação, procurando a construção da proposta na poesis da física expressas no absoluto concreto da obra.
Riscar o gesto, impresso pelas dobras do papel colado sobre a tela, como se acedesse a paisagens interiores que, não sendo panorama, são marcas da identidade da proposta estética. A invenção da emoção revela-se assim nas fronteiras do pensamento e da intuição.

Série "à procura da verosimilhança no desenho", 2021
Desenho e colagem sobre papel montado s/ tela, grafite e pastel
70x200 cm

MARCOS CALVINO

Sobre a obra

Es una reflexión sobre la profunda crisis de valores en los que está inmerso la sociedad contemporánea. Denuncio la falta de moralidad y de principios que embarga a la sociedad actual. Es preocupante observar como lo auténtico y genuino del ser humano es castigado y relegado en favor de una hipocresía y un cinismo cada vez más arraigado e instalado en nuestros hábitos y costumbres de comportamiento y de relación con los demás. Lo verdadero, lo real, lo auténtico parece que sólo es si está debidamente vestido, maquillado y envuelto. Que algo sea real, genuino y auténtico por si mismo ya no importa y ni siquiera es percibido. El fin justifica los medios y la sociedad premia la hipocresía, superficialidad y la apariencia vacía, anestesiando los escrúpulos y fomentando la mediocridad social y la necesidad inecesaria de aspirar a una falsa felicidad que otros diseñan a medida. Trato de captar la existencia, de traslucir en imágenes el sustrato que subyace bajo la realidad aparente, de reflejar lo inmutable y eterno del ser humano y su naturaleza.

KRISTALLWERK, 2023
Técnica: Mixta (acrílico, esmalte sintético, óleo, tejido y cartón sobre cristal)
155x135 cm

MARIA INÊS GOMES

Sobre a obra

"Modelar o Imaginário", parte de um interesse pela etnografia e o folclore popular, nomeadamente o folclore português. Através das crenças e dos costumes populares pagãos, criam-se personagens e criaturas antropomórficas que com o olhar nos desafiam a participar na sua história e a animizar a sua presença.
Assim, como se de um jogo de crianças se tratasse, compõem-se um cenário de faz de conta, onde as personagens podem ser modeladas e justapostas na sua singularidade ou em grupo, dialogando entre si e o imaginário do espetador.

Modelar o Imaginário, 2022
Marionetas em xilogravura
110x120 cm

MARIA PALMA

Sobre a obra

Uma série de corpos em diferentes estados de repouso, de recuperação. Aparentam ter alguém que os cuide, de forma bastante precária. Ao mesmo tempo, parece que alguns já terão iniciado o processo de saída deste momento de cuidado. Que tempos precisamos para recuperarmos? Quem nos tira de lá?
O uso da napa com floreados antiquados juntamente com a madeira torneada indica uma certa familiaridade de quem presta auxílio, ao mesmo tempo que demonstra a falta de atualização desse mesmo cuidado. Os corpos, mais ou menos cosidos, com uma cor mais ou menos saudável, indicam os diferentes estados de recuperação, desde a proteção através do casulo até à libertação total da pele, deixada num cabide, indicando a saída desse elemento.

Só mais um bocadinho, 2022
Série de esculturas em látex, napa e madeira
Dimensões variáveis

MIGUEL NEVES OLIVEIRA

Sobre a obra

As árvores em ferro são uma homenagem a estes seres magníficos no qual temos uma relação íntima de profundas partilhas, como o alimento e o ar que respiramos. A espontaneidade que gera vida, as cicatrizes da mutação constante, a força da seiva que sobe e que nos faz contemplar as molduras do mistério de existir. O solo é representado pela madeira, substrato essencial, a interface da terra com o meio ambiente.

Duas Árvores e Solo, 2023
Tubo de ferro e madeira de castanho
135x178x115 cm

NÁDIA LIMA BORGES

Sobre a obra

A obra “Sem Título”, faz parte de uma série de 35 pinturas. (...) que todas elas foram concebidas estritamente a partir de emoções, nomeadamente emoções transversais ao ser humano, as quais tentamos suprimir, ou esquecer, por serem tão feias e grotescas.
A série foi realizada num período de 10 meses, tornando assim evidente as diferenças entre as obras, quer em termos de técnica, quer em termos de conteúdo. A obra em questão, foi realizada já na reta final do projeto, tendo sido uma das últimas 5 pinturas a ser criada.
Para mim, a realização desta série foi como uma experiência paranormal, uma verdadeira projeção da consciência. A intenção, foi sempre a de criar algo a partir das minhas experiências e sentimentos mais crus, profundos e dolorosos.
A razão pela qual não explico cada pintura individualmente, incluindo esta, é porque não quero limitar ou direcionar a experiência do espectador de acordo com o que a obra significa para mim; em vez disso, quero deixar espaço para que cada pessoa encontre na pintura algo que a instigue especificamente, e com o qual se consiga relacionar.

S/ Título, 2023
Tinta-da-China e sanguínea s/ papel
59,4x41,9 cm

NEIDE CARREIRA

Sobre a obra

Esta séria gravita sobre a ideia de paisagem, não apenas enquanto vista de um lugar, mas como lugar próprio: um lugar contido dentro de uma imagem, que existe através da matéria, mas é essencialmente imaterial.
São paisagens meditativas, materializações de um sublime velado. Assentam no limite entre o figurativo e o abstrato, e no jogo entre perceção e memória, prendendo-se com a fugacidade e a melancolia.
Fortemente contemplativa, esta obra deriva de uma recolha de registos pictóricos e fotográficos, de vários momentos que se multiplicam, num curto intervalo temporal e espacial. À posteriori, estes momentos são de novo evocados, e, em simbiose com estes registos, entra a memória, o emocional e a perceção subjetiva. Através desta dicotomia, surgem assim imagens que assumem uma vida própria, por vezes longe das formas das coisas que as formaram; enquanto que o balanço das forças, dos ritmos, do claro-escuro, do nítido e do que se esvanece, procura o equilíbrio e a harmonia.

Paisagens Cinzentas, 2022
Óleo s/ madeira
210x69 cm (políptico)

NUNO RAMINHOS

Sobre a obra

Em “Ask Yourself” cito explicitamente a linguagem Comics, num grafismo simbólico que combina o desenho formal forte com um colorido vibrante, reinterpretando uma estrutura pictórica preexistente. A ulização de um reportório constuído por figuras simples e de reconhecimento instantâneo é uma das caracteríscas do meu trabalho, tendo como objevo provocar um efeito imediato no observador. Desta forma em “Ask Yourself” as personagens são representadas pelos atributos: físicos, incluindo seu corpo; e mentais, sociais e emocionais, incluindo sua personalidade. São os atributos juntos que compõem a pessoa como um todo, e não apenas um tipo de atributo. Neste trabalho pretendi caracterizar esse facto, mostrando as personagens experimentando a sua personalidade no corpo de outra pessoa.
Cada um de nós tem caracteríscas próprias que nos tornam únicos. Não ganhamos nada concentrando-nos no que não temos e tentando ser como os outros. Em vez disso, faremos melhor se aprendermos mais sobre todos os nossos talentos/habilidades e os culvarmos. Então podemos ser pessoas completas por direito próprio.

Ask Yourself, 2020
Acrílico s/ tela
120x90 cm

PAULO TANOEIRO

Sobre a obra

Nesta obra, desenho a tinta da china sobre papel, represento o tema ambiências urbanas, monumentos icónicos e cidades, neste caso em Nova Iorque, a qual ve a oportunidade de visitar.
Podemos apreciar a dimensão e monumentalidade desta magnífica cidade, onde ulizo a técnica de minúcia de traço cruzado, que nos relembra as gravuras clássicas dos grandes Mestres europeus e nos transportam no tempo e espaço a essa bela época da representação.
Procuro, para além do meu registo em termos de arte, transmir ao observador, retratos do quodiano, ou uma visão integral sobre um local, uma lenda, um costume, em diferentes pontos do planeta.

Manhattan, 2021
Tinta-da-China s/ papel
77x57 cm

RICARDO PASSOS

Sobre a obra

THE POOL

dia

urbe
grito
calhorda
vai
vem
suor
clausura
enleio
loucura
mesmice
enjoo
tombos

entardeceu

janela
raios
nudez
brisa
endorfina
respirar
sentir
mergulho
osmose
plenitude
espelho

e tudo aceso

Ricardo Passos

THE POOL, 2023
Acrílico s/ tela
85x115 cm

RUTE PEREIRA

Sobre a obra

Sob uma perspetiva autoral, o universo conceptual da minha prática artística visa a construção de narrativas visuais de caráter existencial que exploram o estranho e o absurdo que se estabelece na relação entre indivíduo, sociedade e vida quotidiana.
Em particular, a obra "Uma fome sem fim" (2022) integra uma série de três pinturas que oferecem, sobretudo, uma ponderação crítica sobre uma realidade familiar pessoal. As personagens semiconscientes, que habitam estas pinturas, aproximam-se dissimuladamente e de forma gradual da essência de uma "máquina com defeito" – "The more mysterious their actions and nature are, the less humanistic the characters become" *. Tais personagens encontram-se confinadas a uma existência absurda, vivendo uma realidade repetitiva até à sua decadência, repleta de "gestos banais", tal como refere Albert Camus. Essa repetição distorce a familiaridade de imagens quotidianas e contribui para uma renovação insólita na narrativa da pintura, especialmente com a ideia de "duplo", que amplifica a noção de absurdo do tempo e da consciência individual.

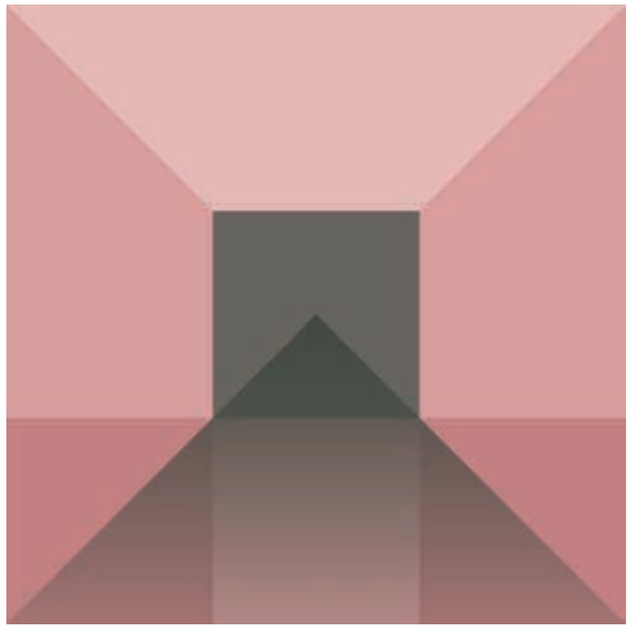
* "Analysis on the Artistic Features and Themes of the Theater of the Absurd", J.Zhu, 2013, p1464

Uma fome sem fim, 2022
Óleo s/ tela
82x120x4 cm

SÁ-COUTINHO

Sobre a obra

Uma busca do sensível para lá da aparente racionalidade interna das geometrias é o fio condutor da proposta estética. A perceção como conhecimento e pensamento ativo na construção do sentido decorre das geometrias internas, das suas dinâmicas e harmonias.
É preciso procurar ver para além do aparente formalismo geométrico que o objeto plástico nos apresenta. O invisível aos olhos está lá. Só será preciso aceitar procurar ver de uma forma ativa e imaginativa que não seja meramente contemplativa.

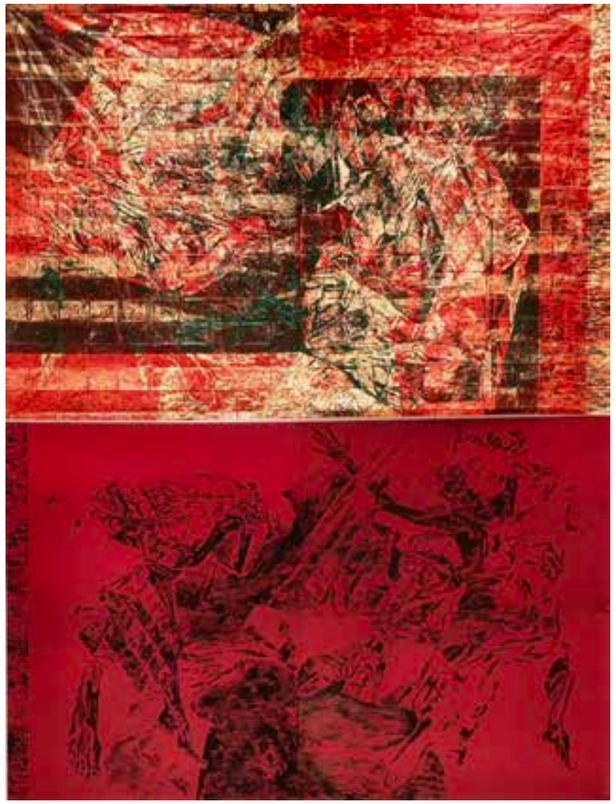


Para Além do Visível, 2023
pintura - Impressão digital UV s/ PVC 1cm
150x150 cm

SAMUEL ORNELAS

Sobre a obra

"leva-me este recado ao cais" é uma intervenção artística através da Xilogravura, no seu caráter mais reconhecível da reprodução como manifesto volante, assim como no seu entendimento mais expandido da relação entre o ser e a matéria, do positivo e negativo, da luz e da sombra, da sobreposição e da cor, e daquilo que temos vindo a experimentar com a projeção dos nossos corpos no mundo.
Esta atitude somada a extratos de composições musicais e uma performance artística (por Dóris Marcos) definem a narrativa sobre o tema deste projeto/obra - travessias migratórias - a colocar um ponto de vista metafórico na questão.



"leva-me este recado ao cais", 2022
Xilogravura a fio e a cores e matriz xilográfica
268x210 cm

SETAS FERRO

Sobre a obra

A peça apresentada é uma representação artística de elementos naturais – anémonas.
Esta peça faz parte de uma coleção de 8 peças em que a temática são elementos do mar (corais, anémonas, estrelas do mar, conchas) vistos por uma lente de aumento e reinterpretados através de técnicas têxteis – da malha e do crochet, trabalhadas para criarem volumes "apetitosos". Os fios são usados como elemento de desenho no espaço através da técnica artesanal de crochet. Esta técnica permite criar volumetrias de acordo com a dimensão pretendida e com a mistura de diversos fios, criar texturas contrastantes e visualmente ricas. Os diferentes fios utilizados permitem aproximar-se das texturas naturais, criando sensações que provoquem prazer, especialmente em dois sentidos – o visual e o táctil.
Esta peça pertence à categoria de "Soft Works" desenvolvidas desde 2016 - são peças leves, suaves e moldáveis que convidam a tocar, abraçar, sentir e amar.

Anémonas Brancas, 2022
Fios 100% lã, acrílico, poliéster/lã e poliamida/algodão; enchimento 100% poliéster reutilizado
50x55 cm

SUSANA BRAVO

Sobre a obra

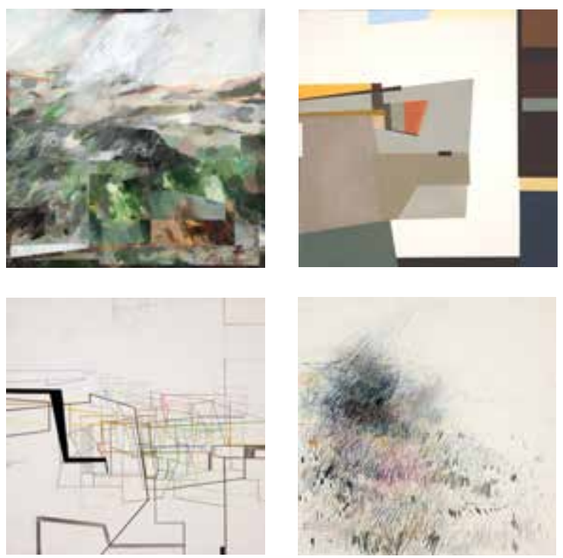
As formas abstratas em ação com objetos reconhecíveis, podem transmitir movimento e intenção, fiz esta escolha para criar uma sensação de movimento e direção, utilizei formas diagonais e orgânicas para criar dinamismo, as formas sobrepostas para a intenção.
A velocidade e o movimento são temas centrais na minha pesquisa visual , combino os diversos elementos para que o observador sinta o quadro de uma forma dinâmica.

Set off with an Intention, 2023
Técnica mista s/ tela
100x120 cm

SUSANA CHASSE

Sobre a obra

O Código. Linguagem Universal. Poesia. A gramática da obras decomposta. Descodificar algo com ritmo próprio. Algoritmo. Geometria de formas primordiais, manchas. Linhas são *citadas* pelo minimalismo enquanto outras, aparentemente desorganizadas demonstram a sua natureza rebelde, mas íntegra. Essas linhas abstractas pedem incessantemente horizonte para pousar o olhar, mas o brutalismo do movimento e a sua verdade estrutural inquieta esse descansar.
Descodifica-se os elementos da composição individual como despojamento e nudez da obra. Têm um princípio próprio de incorporação de matéria, quatro arquitecturas, quatro elementos. Na ausência de outro termo dá-se uma metempsicose. Ao encontrarem-se transmigram-se, somam-se, multiplicam-se, acrescentam-se, compõem-se, elevam-se mas não remigram no ciclo. O *bug*, no processo de união, não é erro, é descoberta e recriação. O analógico encontra o digital.
A ornamentação não existe e a austeridade também não tem propriedade aqui, há sim uma bondade doce no desvendar da magia. A obra é de essência anónima com heterónimos. Este código humano-fractal, infinito, gera naturezas próprias que vão para além da autoria e invitam outros a ampliar criação e mundo. As leis intemporais e eternas mantêm-se. O Código foi descodificado? A Composição decomposta? A Trindade revelada?
Código para um novo ciclo.



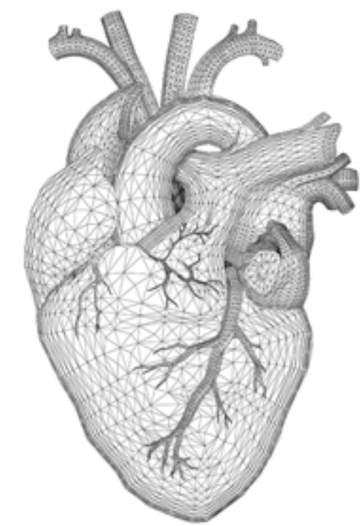
COMPOSITION

de (DECOMPOSITION), 2022
Acrílico, caneta de feltro, lápis de cor, grafite e cera s/ tela
50x50 cm (x5 elementos)

TITO SENNA

Sobre a obra

A série de desenhos “Desenhos Organométricos”, criada pelo artista Tito Senna durante a pandemia, busca trazer organicidade e visceralidade por meio da geometria. O trabalho “Coração Organométrico” é um dos destaques da série e representa o conflito entre a razão e a emoção durante a pandemia.
Nesse trabalho, Tito retrata os momentos afetivos que precisaram ser racionalizados e o distanciamento físico causado pelo distanciamento social. O coração, que precisou enrijecer com as notícias diárias de mortes e infecções pelo Covid-19, é o grande protagonista dessa obra.
Embora os sentimentos retratados no desenho sejam comuns a muitos durante a pandemia, o coração do artista continua batendo com convicção de dias melhores. O “Coração Organométrico” é, portanto, um símbolo de resiliência diante das adversidades impostas pela pandemia.
O trabalho foi criado digitalmente e possui dimensões de 1m x 1m. Com sua estética impactante e conceito relevante, “Coração Organométrico” é uma obra que certamente chamará a atenção do público interessado em arte contemporânea e que vivenciou dias intensos durante este período que marcou o mundo...



Coração Organométrico, 2022
Desenho digital /Print
100x100 cm

VÂNIA KOSTA

Sobre a obra

Partida. Chegada. A travessia onde vislumbramos as possibilidades possíveis. O caminho que percorremos entre a distância de dois lugares. Passado. Futuro. Uma travessia. Uma encruzilhada de possibilidades cruzando em si tantas outras histórias com as quais enriquecemos a nossa travessia. Memórias. Como um cordão que une dois seres. Dois lugares. Como um cordão que assegura a sobrevivência. E a maternidade trouxe a circunstância de voltar no tempo. De re-conectar com a ancestralidade. Aprender e reconhecer quem somos, de onde partimos, encontrando nessa travessia a liberdade de existir numa singularidade plural.
[Ao longo da escultura, com aproximadamente 36,5 m de comprimento, existem várias palavras bordadas à mão: Nascimento; Travessia; Coexistência; Metamorfoses; Fluidez; Liberdade; Voz; Reconciliação; Respigar; Simbioses; Sonho; Empatia; Inquietude; Incorporar; Corpo; Resiliência; Persistência; Regeneração; Morte; Tempo; Ressurgência; Gesto; Memória; Respirar e Utopia.]

Travessia, 2023
Junção e enchimento de estruturas simples de malhas bordadas à mão
3650x150x150 cm

ZÉLIA MENDONÇA

Sobre a obra

A obra “Sinhá” consiste num torso que preencho com elementos têxteis artesanais feitos por mim e restos de bijuterias. O trabalho foi realizado no ateliê da artista plástica Joana Vasconcelos. A renda é do século XIX, comprada numa feira em Paris. Dela partiu a ideia de representar a mulher portuguesa daquela época que atravessou o Atlântico e chegou ao Brasil imprimindo uma cultura que se fundiu a outros elementos coloniais. Sinhá traz a essência da mulher portuguesa nos costumes brasileiros. É uma referência a ancestralidade das primeiras que chegaram ao meu país e deixaram a arte, a expressão e a dimensão afetiva muito bem expressas pelos modos europeus aplicados por elas.

Sinhá, 2021
Assemblage
40x70 cm

Exposições de
Artistas Convidados:

CENTRO MULTIMEIOS DE ESPINHO

O MAIS ÍNTIMO QUOTIDIANO

JUNTA DE FREGUESIA DE ESPINHO

TENS TEMPO E ESPAÇO PARA CRIAR ?

7ª. BIENAL Internacional DE ARTE DE ESPINHO

Centro Multimeios
Junta de Freguesia
1 JUL. | 30 SET.

BIENAL internacional de ARTE de ESPINHO

A Bienal Internacional de Arte de Espinho chega à sua sétima edição e, pela segunda edição consecutiva, integra na sua programação duas exposições de artistas convidados que trazem a Espinho a oportunidade de conhecermos mais de perto o trabalho de artistas de vários pontos do país e do nosso país vizinho, escolhidos de acordo com as premissas essenciais dos seus trabalhos e percursos, com atenção dada àquilo que têm a dizer através do seu trabalho artístico. Trazemos, assim, à nossa cidade, e de edição para a edição, uma crescente qualidade e interesse nas propostas apresentadas, o que enriquece profundamente a programação da nossa Bienal.

O mais íntimo quotidiano, em exposição no Centro Mutimeios de Espinho, parte da frase de Ernesto de Sousa, "O mais íntimo quotidiano é a Casa", e reúne o trabalho de dez artistas que, de algum modo, abordam no conjunto do seu trabalho o tema da casa enquanto o lugar por excelência, apropriando-se, em muitos casos, de modos de dizer próprios da arquitetura para o espaço do objeto artístico. Conceitos como os de edificação, construção, espaço, escala, limites, matéria e habitabilidade, mas também os de desconstrução e utopia, desenham a casa enquanto lugar de intimidade que carrega em si a intenção de sobrevivência, de regresso e de segurança. A casa surge, assim, como operação poética na construção de objetos artísticos que falam da forma como pensamos e sentimos o espaço e o lugar, não se dissociando da sua componente arquitetónica, ou do facto de ser o elemento arquitetónico que melhor define a natureza do ser humano e, igualmente, a sua fragilidade e vulnerabilidade. Diz Ruy Belo que "Só as casas explicam que exista uma palavra como intimidade".

Tens tempo e espaço para criar? é uma exposição que surge no seguimento da intenção de manter, na programação da Bienal, uma exposição que dá voz exclusivamente a artistas mulheres. Este ano, indo mais além nesse desejo de destacar o trabalho de mulheres artistas, estas artistas têm também em comum uma particularidade que diríamos invulgar numa exposição coletiva: todas são mães. Convidámos nove artistas mulheres e mães. Sabemos que artistas mulheres bem sucedidas como Tracey Emin e Marina Abramović afirmaram publicamente que ser mãe enquanto artista era o equivalente a acabar com a própria carreira. Emin afirmou: "There are good artists that have children. Of course there are. They are called men." E Abramović afirmou que ter filhos teria sido um desastre para a sua carreira: "One only has limited energy in the body, and I would have had to divide it".

Ora, ninguém questiona se um artista homem acaba com a própria carreira ao tornar-se pai. Num mundo ainda representado ou habitado por uma maioria de homens, em várias áreas de atuação do meio artístico, das galerias, à crítica, comissariado ou ensino, continuamos, sim, a precisar de ajudar a tornar mais visível o trabalho das mulheres artistas. Neste caso, artistas-mulheres-mães que encontram diversos entraves à progressão artística mas que continuam a lutar, a produzir e a dizer o que têm a dizer através do seu trabalho. Há dados que falam por si: um estudo de 2019 indica que, de 2008 a 2018, apenas 11% da arte adquirida pelos principais museus foi feita por mulheres e, de 2008 a 2019, as obras de arte feitas por mulheres representaram apenas 2% das receitas da arte vendida em leilão. Os colecionadores não arriscam tanto e mantêm-se relutantes em comprar arte produzida por mulheres. Há muitas gavetas e preconceitos e as mulheres artistas enfrentam efetivas dificuldades de inserção em determinados núcleos do mundo da arte porque se confunde o seu trabalho com questões de género, questões como a maternidade, a disponibilidade ou liberdade criativa, a mistura entre o que se faz e o que se é ou se aparenta ser. Podemos pensar em quantas mulheres artistas temos na nossa memória para enumerar e quanto do legado da história da arte foi deixado por mulheres. A verdade é que uma coisa (maternidade) não invalida a outra (criação) e todas as nossas opções de vida contribuem para o que somos e, consequentemente, transportamos para o nosso trabalho. O trabalho é enriquecido e adensado por tudo o que nos rodeia, pelo que somos e fazemos, mas também pelas pessoas que estão ao nosso lado. Voltando a pegar na frase da Marina Abramović sobre a energia do corpo que ela teria que dividir, é essa energia que serve de mote para o convite a estas mulheres artistas mães: a energia que não só se divide, como se multiplica e impulsiona uma vontade de fazer.

Esta exposição pretende atrair a atenção para o trabalho de mulheres artistas que conciliam o seu excelente trabalho criativo com a maternidade, um pouco em contracorrente das escolhas, percentagens e representatividade habitual, mostrando ainda que uma coisa não impede a outra e que o preconceito sobre a conciliação da maternidade com a liberdade criativa é, acima de tudo, antiquado, mal informado e de uma perspetiva quase romântica do que é a criação artística.

Ana Pais Oliveira
Junho de 2023

7ª. BIENAL Internacional DE ARTE DE ESPINHO

CENTRO MULTIMEIOS DE ESPINHO

O MAIS ÍNTIMO QUOTIDIANO

ANA MALTA 68
FRAN MAYOR MAESTRE 70
INÊS TELES 72
INEZ WIJNHORST 74
JORGE HERNANDEZ 76
JOSÉ AUGUSTO CASTRO 78
JOSÉ LOURENÇO 80
MARISA FERREIRA 82
MARTINHO COSTA 84
NUNO SOUSA VIEIRA 86

ANA MALTA

Biografia

Ana Malta (Lisboa, 1996), é uma artista visual situada em Lisboa, atualmente representada pela Galeria São Mamede. Estudou Pintura na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa e tirou um mestrado em Gestão de Indústrias Criativas pela UCP-Porto. Trabalhou durante três anos como assistente no departamento de produção e comunicação do Centro Cultural Carpintarias de São Lázaro e Galeria Belo-Galsterer. A sua obra é desenvolvida através do estudo da cor, de padrões, da composição e de materiais riscadores, veículos do seu inconsciente plástico. Um trabalho onde a inquietação procura a estética e onde o diálogo tem como base a transformação do "erro" em oportunidade. Faz parte do coletivo artístico *Vês.Três* e foi finalista do "Prémio A Arte Chegou ao Colombo" e da "6ª Bienal Internacional de Arte de Espinho" em 2021. Foi também artista convidada para a "5ª Bienal Inetrnacional de Arte de Gaia". Conta com exposições na Galeria São Mamede, Museu Coleção Berardo, Museu Municipal de Espinho, Faculdade de Belas-Artes UL, Galeria LiR, LisbonWeek, LxLapa, Oficinas de Aljustrel, Atmosfera M, Egeu, Espaço Mercês, entre outros.

Sobre a obra

Dou casa mas não sei onde moro.
Onde vivo não tem morada.
A minha caixa de correio é visível.
Num local que não existe.

É casa, é lar, é bom, é dor.
É confuso porque é confortável.
É triste porque não é minha.

Assim a vejo bonita.
Sem a reconhecer.
Quatro paredes cheias de alma.
Sozinhas querem ser.

Íntimo é.
Pouco íntimo também.
Casa é um luxo que
Pouca gente tem.

Ana Malta, 2023

Caixa de Correio, 2023
Spray, acrílico, pastel de óleo, barra de óleo
e pastel seco s/ tela
142x202 cm

FRAN MAYOR MAESTRE

Biografia

Francisco Mayor Maestre se forma en Bellas Artes (2014) por la Complutense de Madrid. Prosigue sus estudios con un Máster de Investigación en Arte y Creación(2020) en la misma universidad, y otro en Grabado y Diseño Gráfico en la de Castilla-La Mancha- FNMT(2016). Ha sido premiado con la Beca Mario Antolín a la investigación pictórica que otorga el premio BMW (2021), la Beca Grabador artístico del Departamento de Moneda de la Fábrica Nacional de Moneda y Timbre (2017), Premio de calcografía nacional (2016), primer premio del Certamen Nacional de Pintura Rivas-Vaciamadrid (2019), y primer premio de la Fundación la Gaceta de Salamanca (2022), entre otros.
Su obra se ha expuesto en diversas ciudades de España, además de en Alemania, Reino Unido, Suiza, Francia y Bélgica, Portugal; y forma parte de la Fundación Pilar i Joan Miró, BMW Group, Fundación Maria Cristina Masaveu Peterson, el Museo del Grabado Español Contemporáneo de Marbella, la Biblioteca Nacional, la Calcografía Nacional de la Real Academia de Bellas Artes de San Fernando, el Ayuntamiento de Rivas-Vaciamadrid, La Gaceta de Salamanca, la Real Casa de la Moneda y timbre, la Facultad de Bellas Artes Universidad Complutense y diversas colecciones privadas.

Sobre a obra

Como cuando sigues con la mirada un paisaje desde el tren.
Como cuando intentas mirar desde un punto fijo un objeto que se desplaza en el espacio y tus ojos zigzaguean a toda velocidad con el afán de no perder detalle.
Ese movimiento, esa vibración de los globos oculares, automática, irreflexiva, errática.
Ese primer estadio de la construcción del espacio. Esa forma, inocente, de que el territorio se construya en nosotros. Esa experiencia que elaboramos para entender el paisaje, para entender nuestra posición física y geográfica en un contexto específico. Esa sensación de pensar que nuestro hábitat tiene más de engaño que de pretendida objetividad, y entendedme, menos mal que es un engaño, menos mal que aún queda hueco para que se produzca la sorpresa. Esos hallazgos de nuevos espacios en lugares de sobra conocidos que de pronto se revelan con una novedad radiante y ponen en cuestión el orden de nuestro territorio cotidiano.

Fran Mayor Maestre, 2023

Una nueva forma de resistir I, 2020
Óleo, papel sobre MDF.
Marco lacado en blanco
130x170 cm

INÊS TELES

Biografia

Inês Teles (Évora, 1986) vive e trabalha em Lisboa. Expõe o seu trabalho em contexto nacional e internacional. Concluiu a pós-graduação na Byam Shaw, CSM e o mestrado na Slade School of Fine Art UCL, como bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian. Atualmente é bolseira da FCT, no programa de doutoramento em Escultura na FBAUL e é colaboradora do centro de investigação Vicarte.
Participou em várias exposições como (2023) "Sensores, partículas e outros compostos", no Salão de Chá do Parque Municipal Alta Vila, Águeda (2022) "A persistência da matéria: 20 anos VICARTE", no Núcleo de Arte Contemporânea do Museu do Vidro, na Marinha Grande (PT), "O dedo no olho", curadoria de Maria Joana Vilela, Brotéria, Lisboa (PT); (2021) "Aliquid stat pro aliquo", com curadoria de Maria Joana Vilela, no Studio PRÁM, Praga (CZ),"TIERRA A LA VISTA. Un paisaje de formas encontradas", curadoria de David Barro, na galeria PONCE+ROBLES, Madrid (ES); (2018) "Vindauga-olho de vento", curadoria de Hugo Dinis, Sala 117, Porto, PT; "Variations portugaises, Centre d'art de Meymac", curadoria de Caroline Bissière e Jean-Paul Blanchet, FR; (2016) "Múltiplos", The Drawing Center, Nova Iorque, EUA; (2015) "Descontorno", Casa de Burgos, curadoria de João Pinharanda, Évora, PT; Em 2018 entrou no 11.º Prémio Amadeo de Souza-Cardoso, na "6.ª Biennale JCE 2017-19" e no programa curatorial de arte pública de Gabriela Raposo, "10.10.10 Arte entre cidades", Alenquer. Em 2019 foi selecionada para o Prémio Internacional Fundación Maria José Jove 2019, Corunha, ES e obteve o Apoio a Projetos - Criação, da Direção-Geral das Artes para a intervenção pública "Walk the curve", um projecto em co-autoria com Ayelen Peressini.
A sua obra está presente em colecções particulares em Portugal, França, Reino Unido, Espanha, Chile e EUA; Colecção da Oliva Creative Factory, São João da Madeira, PT; National Gallery of Budapest, HU; Colecção Museu da Carris, PT; Colecção Fernando Ribeiro, PT; Colecção Joaquim Ferro, PT; Colecção Fundación DIDAC, ES; Colecção Marin Gaspar; Colecção S&A Porto; Colecção Eduardo Rosa.

Sobre a obra

O trabalho de Inês Teles (Évora – Portugal, 1986) começa na pintura, a partir da investigação de duas dimensões fundamentais: matéria e percepção. Sobre essas duas dimensões o trabalho da artista desenvolve-se como um *continum*, num movimento que avança de uma obra para a seguinte, para colocar em evidência as descobertas inerentes à pesquisa que lhes dá as qualidades plásticas que apresentam. É um imprevisível sem-fim que, por isso, toma muitas formas e muitas escalas distintas. É nessa medida que a escultura marca também presença no trabalho de Teles, primeiro, como uma extensão do exercício pictórico, depois, como evidência de uma preocupação com a relação da escala do corpo e com a ocupação do espaço que tem, com o tempo, vindo a tomar um lugar mais recorrente no trabalho da artista. Contudo, as fronteiras que separam a pintura da escultura, no seu trabalho, mantêm-se muito ténues, pelo que as obras devem ser compreendidas como parte de um único jogo compreensivo. O que importa, fundamentalmente, é a transmutação material e perceptiva que o orienta e essa é a pedra-de-toque não apenas para a compreensão da sua obra como um todo, mas de cada uma das obras que a compõem.

Maria Joana Vilela, 2022

Sistema articular. Suporte de vida, 2022
Tinta acrílica sobre papel Kozuke
marmoreado, barro, vidro e latão
190x50x120 cm

INEZ WIJNHORST

Biografia

Inez Wijnhorst (Maassluis, Países Baixos, 1967) reside e trabalha em Portugal desde 1990. Estudou na Real Academia de Belas Artes de Haia, Países Baixos e é licenciada em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Portugal (1996).
O seu trabalho está centrado na pesquisa de técnicas e narrativas visuais nas áreas de Pintura, Gravura, Desenho e Geometria. Foi distinguida com vários prémios de gravura e pintura, dos quais se destacam: Bronze award, Osaka Triennale Print, Osaka, Japão; Menção Honrosa Bienal de Pintura de Cidade de Zamora, Espanha; Prémio Cidade Amadora (ex-aequo), VI Bienal de Gravura de Amadora; Prémio Amadeo de Souza-Cardoso, Amarante; Prémio de aquisição Baviera, 10º Bienal de Vila Nova de Cerveira; Menção Honrosa segundo prémio BANIF de pintura; Prémio Bonaficio Lázaro, 33a Salão de Outono, Espanha.

Sobre a obra

So… What or who can I Be?
If it was not for me, To Be or not to Be
EMPTY SPACE
or all that I can potentially be,
by being empty space.
By choice or chance or chains or change,
Holding or being the space, in which,
form and experience take place
and have a seat, a home to stay,
a shelter to hide and room to play!

Inez Wijnhorst, 2023

Habita-se o Hábito, 2023
Técnica mista s/ tela
116x188 cm
(díptico)

JORGE HERNÁNDEZ

Biografia

Jorge Hernández (Huelva, 1973) es licenciado en Bellas Artes Universidad de Sevilla en 1996. Premios (selección): Primer Premio Certamen Nacional de Pintura “Ciudad de Ayamonte”, 2016; Primer Premio Certamen Internacional de Pintura de Fuente Álamo, 2015; Mención de Honor Certamen Nacional Pintura Ayamonte, 2015; Mención de Honor Concurso Internacional de Pintura Rafael Zabaleta, 2015; Mención de Honor Certamen Internacional de Pintura Ramón Portillo, Motril, 2015; Premio adquisición 35 Certamen Nacional de Arte Contemporáneo de Utrera,2014 y 2010; Primer Premio IV Certamen Nacional Laura Otero, Miajadas, Cáceres, 2013; Premio Nacional de Pintura de Gibraleón, Huelva, 2003 y 2012; Beca Vázquez Díaz, Diputación de Huelva, 2012; Accesit XXXVI Certamen Nacional de Pintura Emilio Ollero, Jaén, 2012; Tercer Premio III Certamen Nacional de Pintura Laura Otero, Miajadas, 2012; Primer Premio XIV Certamen Nacional de Pintura de Villaviciosa, 2011; Premio Certamen Nacional de Pintura Virgen de las Viñas, Tomelloso, 2010; Premio XXVIII Certamen Nacional de Pintura de Bolaños de Calatrava, 2010; Primer Premio Certamen Nacional de Pintura Grúas Lozano, Sevilla, 2009; Mención de Honor Certamen Nacional de pintura Grúas Lozano, Sevilla, 2008,. Exposiciones individuales (selección): Galería My Name´s Lolita Art, Madrid, 2023; Galería Sao Mamede, Lisboa, Portugal, 2022; Arte Santander, Galería My Name´s Lolita Art, “Pic-nic”, 2021; Galería Aurora Vigil Escalera, ”El año del murciélago”, 2021; Galería My Name´s Lolita Art. “Cars and Girls” 2018.

Sobre a obra

El concepto de el cuadro es hablar de la vivienda, el hogar, como contenedor de arte. Se hace referencia a la famosa obra de Damien Hirst , con el tiburón metido en una caja.

Jorge Hernández, 2023

Los coleccionistas VI, 2023
Acrílico y resina sobre tabla
140x110 cm

JOSÉ AUGUSTO CASTRO

Biografia

JAC (Avintes, 1962), vive e trabalha em Vila Nova de Gaia. É professor de Educação Visual no ensino básico e secundário. Tem o curso superior de pintura da ESAP e fez workshops em litografia e gravura com a École de Beaux Arts de Liége. Desde 1990 realizou várias exposições individuais e inúmeras coletivas. O seu trabalho está representado em coleções nacionais e internacionais, quer de privados, quer de instituições. Destas destacam-se a Coleção BES, Câmaras Municipais de Gaia, Feira, Matosinhos e Maia, Centro Cultural de Cascais, CAC – Centro de Arte Contemporânea de Málaga - Imago Mundi, Collection Fundação Benetton-Luciano Benetton Collection e The NYU Langone Art Program and Collection, New York.

Sobre a obra

UMA CASA VAZIA NÃO É UM LAR

Casa é um Lugar. São Memórias. São os objetos que ao longo da vida nos acompanham. São os cheiros. O espaço onde nos cruzamos com o nosso Mundo e Nós próprios. Onde estão os nossos corações, que batem em cada um dos que amámos. É o Abrigo. São os regressos depois das partidas. É o Lugar onde acrescentámos e onde por vezes perdemos. É um abraço de conforto. É o AMOR. São estes os sentimentos que estão comigo sempre que estou a pintar.

José Augusto Castro, 2023

THIS IS HOME 2022
Técnica mista s/ tela
166x151 cm

JOSÉ LOURENÇO

Biografia

José Lourenço (1975 / Lisboa), é licenciado em Pintura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Das suas exposições individuais destacam-se “Story Building” na Galeria Bacelos - Vigo; “Conforme o dia” na Galeria Carlos Carvalho - Lisboa; “Anamorphosis” na Marilia Razuk Galeria - São Paulo; “ Paisagens” no Pavilhão de Portugal - Lisboa, entre outras.
Está representado em colecções Públicas e privadas, das quais se destacam: Museu de Arte Contemporânea Unión Fenosa (MACUF), Coleção Norte, Governo de Cantábria, Fundação D. Luís I, Fundação PLMJ, Fundação Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa, Museu de Belas Artes de Santander, Centro de Arte Manuel de Brito, entre outras.

Sobre a obra

Foi durante o primeiro confinamento devido à pandemia que José Lourenço iniciou a sua nova fase de criação. Tal como milhões em todo o mundo, o artista, confinado na sua casa, via no exterior um escape visual aos dias passados dentro de quatro paredes. Essa relação é notória nas suas mais recentes obras, que retratam um exterior vasto e inalcançável e um interior intimo e vivido.
Inspirado pelos arquitectos e designers modernos do século XX, José Lourenço representa ambientes domésticos, aparentemente despojados, mas incrivelmente humanos pelos pormenores que mostram a vivência quotidiana, como um livro aberto, uma jarra com flores ou brinquedo abandonado a meio de uma actividade.
José Lourenço imortaliza momentos através das sombras vincadas e das texturas que permeiam as suas pinturas. Entre o sonho, representado com os ambientes naturais a perder de vista, e a hipotética realidade, materializada pela presença de objectos mundanos, o artista criou um habitat próprio, um abrigo onde se vive e encontra protecção.

Álvaro Tavares Ramos, 2023

S/ Título, 2020
Acrílico s/ tela
80x100 cm

MARISA FERREIRA

Biografia

Marisa Ferreira nasceu em Portugal, vive e trabalha entre Londres, Oslo e Guimarães. Com formação em artes visuais e arte e design para o Espaços Público, Ferreira é actualmente doutoranda da FCT no Royal College of Art, Londres com o título da tese: “Waste Matter. Public Art and the (Im)Materiality of Post-Colonial Memory”.
Além de expôr o seu trabalho nacional e internacionalmente regularmente, Ferreira tem desenvolvido vários projetos de arte pública, tais como: Everything is connected (2022, Louis Vuitton, Los Angeles), Tipping Point (2022, Noruega), Rising Sea (2021, REV Ocean), Transition Mirrors II (2019, Louis Vuitton, Japão) e Rear Window (2015, Estação Central de Oslo). Em 2018, o The Guardian apresentou o seu trabalho Shall we dance? (2017, centro de Oslo) como uma das “10 melhores instalações de arte ao ar livre em todo o mundo”.
O seu trabalho faz parte de coleções de arte nacionais e internacionais, como Louis Vuitton Art Collection, Norlinda and José Lima Art Collection, Stavanger KunstMuseum, Skattedirektorat, REV Ocean, ConocoPhillips, Deloitte ou Messmer Foundation. Marisa é membra da Norwegian Artists Association (NBK), da Royal Society of Sculptors no Reino Unido e investigadora da SpaceX (Spatial Practices in Art and ArChitecture for Empathic EXchange).

Sobre a obra

Archaeologies of the Home mergulha profundamente nas conexões entre as pessoas e o seu lixo e procura sugerir que as atitudes em relação ao lixo doméstico no espaço doméstico estão intimamente relacionadas a crenças sobre o valor do corpo humano e a origem de doenças que influenciaram a arquitectura habitacional desde o século XVIII. A obra de arte investiga o potencial mnemônico, subversivo e criativo do nosso lixo doméstico e demonstra como as conexões entre as pessoas e o seu lixo vão desde o presente até ao tempo profundo, e a forma como percepcionamos e relacionamos o lixo como o *outro* na sociedade capitalista. Baseando-me na ideia de Mary Douglas de que o lixo é “matéria fora do lugar” (1966) e sabendo que valor é uma “relação social mutável” como sugerido por Michael Thompson (2017), *Archaeologies of the Home* explora o lixo doméstico como matéria-prima para sugerir o lixo não como um problema socioecológico, mas antes como um recurso valioso para a produção de arte, a fim de tornar visíveis geografias injustas criadas por ideias que vinculam a limpeza à desigualdade de classe, género e raça que continua a definir a ordem da cidade.

Marisa Ferreira, 2023

Archaeologies of the Home, 2023
Compósito, espelho acrílico, inox
100x120x5 cm

MARTINHO COSTA

Biografia

Martinho Costa (1977) vive e trabalha nas Caldas da Rainha. É licenciado em Artes-Plásticas – Pintura pela Faculdade de Belas-Artes de Lisboa, em 2002. Em 2003 completou o Mestrado em Teoria y Prática de las Artes Plásticas Contemporâneas na Universidad Complutense de Madrid.
O seu trabalho em pintura reparte-se sobre múltiplos suportes que vão desde a pintura de atelier sobre tela, ao fabrico de livros de pintura pintados em edições únicas, bem como em intervenções pictóricas no espaço exterior. Estes vários suportes sobre os quais tem vindo a multiplicar a sua prática artística, têm em comum o uso de imagens prévias que servem de modelos à sua pintura. Trata-se de um processo de transformação de motivos que nos rodeiam na atualidade, a partir de um ponto de vista que tem em conta uma investigação da larga história da arte, tentando atualizar os temas maiores e géneros que configuram a densa tradição da pintura.
Participa em diversas exposições coletivas desde 2000, de onde se destacam: Variations Portuguaises, Centre Meymac, França (2018); Project Room na Feira de Arte Art Santander (2017); Res Publica, 1910 e 2010 Face a Face, na Fundação Calouste Gulbenkian. Das exposições individuais que realiza desde 2003, destacam-se: Folding Screen no Da2, Salamanca (2016); Gradient Tool no Museu Soares dos Reis, Porto (2018); Layer 0 na Galeria 111 em Lisboa; Terra de Sombra Queimada na Galeria Silvestre, Madrid (2017). É ainda o autor do projeto Pinturas ao Ar Livre documentado no blog pinturasarlivre.blogspot.pt e da série de livros de artista Livro de Pinturas publicados desde 2014 pela Stolen Books.

Sobre a obra

Tubo e Tijolo é uma pintura que resulta de um contínuo deslumbramento pessoal pela observação das coisas mundanas. Olhar para o nada e dar-lhe significado pelo lento ato de representação em pintura. O tempo lento do olhar. Numa preocupação pela gramática da pintura: as cores; as formas; as manchas as subtilezas e as nuances que escapam ao olhar menos atento. Tudo isso transformado em matéria na superfície da tela.

Martinho Costa, 2023

Tubo e Tijolo, 2022
Óleo s/ tela
150x200 cm

NUNO SOUSA VIEIRA

Biografia

Nuno Sousa Vieira (Leiria 1971) vive e trabalha entre Leiria e Lisboa. É artista visual, Professor Auxiliar na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa e Investigador Integrado do Núcleo de Pintura do CIEBA. É doutorado em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.
Das suas mais recentes exposições destacam-se: “Um entre nós”, Galeria Raquel Arnaud, São Paulo, Brasil; “Tenho a vista cansada”, Galeria Mul.ti.plo, Rio de Janeiro, Brasil; “Amanhã é muito tempo”, integrada no ciclo de exposições “Desenho Como Pensamento”, na Galeria do Centro de Arte e Imagem do IPT, Águeda; “Pelo que não se vê”, Tomar e “Inhabitans ou imitar o andar”, Galeria 3+1, Lisboa.
Em fevereiro de 2023 participou na residência artística da Josef and Anni Albers Foundation, Thread, Senegal.
O seu trabalho está representado em diversas coleções: PINTA – Latin America, CAV (Centro de Artes Visuais), Teixeira de Freitas, PLMJ, António Cachola, Câmara Municipal de Leiria, José Caballero (Madrid), Paulo Pimenta, Coleção José Lima, Coleção António Albertino, Fernando Ribeiro, José Carlos Santana Pinto, Regina Pinho de Almeida (São Paulo), Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (Brasil), CAPC (Círculo de Artes Plásticas de Coimbra), Fundação Calouste Gulbenkian, Coleção do Estado, Itaú Cultural (Brasil), Luiz Montenegro (Brasil).

Sobre a obra

As obras *Tenho a vista cansada*, 2022, pretendem alargar o campo do ver, convocando o avesso das obras como elementos constituintes desse processo que é dar a ver a frente. As obras realizadas em plessiglass, retiradas do ateliê do artista, enfatizam o passado e a história dos materiais como fatores simultaneamente de superfície e de profundidade sobre os quais a dobra se desdobra e desenha a própria pintura. As cores, tal como os suportes são retirados diretamente do ateliê, proporcionando um trânsito entre o fazer e o ver, em última instância entre o ateliê e a sala de exposição.

Nuno Sousa Vieira, 2023

Tenho a vista cansada, 2022
Tinta acrílica sobre plexiglass.
Suporte em alumínio.
50 x 36,6 cm, Suporte: 1,2 x 36,6 x 4 cm

7ª. BIENAL Internacional DE ARTE DE ESPINHO

JUNTA DE FREGUESIA DE ESPINHO

TENS TEMPO E ESPAÇO PARA CRIAR ?

CLÁUDIA TRONGMO 88
DIANA COSTA 90
ENGRÁCIA CARDOSO 92
FÁTIMA SPÍNOLA 94
INÊS D´OREY 96
MAGALI MARINHO 98
PATRÍCIA OLIVEIRA 100
SARA MAIA 102
SASANA BATALHA 104

CLÁUDIA TRONGMO

Biografia

Claudia Trongmo (Lisboa, 1976) é artista autodidata. Trabalhou na área da Tecnologia durante dezoito anos em Portugal e Inglaterra. Em 2016 regressou a Portugal e, já a viver no Alentejo (Serra de Serpa), iniciou o seu percurso nas Artes Plásticas, onde trabalha em várias técnicas mistas de pintura e também colagens usando acrílicos e óleos. Compõe intuitivamente peças expressivas de cores, formas e texturas variadas. A natureza no Alentejo e as experiências emocionais vividas são um tema constante na sua Arte. Entre as exposições, destacam-se a Feira de Arte - The Other Art Fair by Saatchi Art Londres UK (2020), a Exposição Coletiva "Imunidade Divina" na Galeria Apaixonarte (2020), a Pintura de vaso em cerâmica e exposição em Colônia, Alemanha - Projeto Tu e Eu com SOS Aldeias de Crianças (2022) e Artista Convidada no aniversário do NAVA Aljustrel, Exibição solo + coletiva do grupo do NAVA (2023).

Sobre a obra

Nesta peça abstrata a Artista reflete na complexidade da vida como Mulher, Mãe e Artista na sociedade corrente, a sua luta com uma doença crónica e a procura constante do equilíbrio da sua saúde mental.

Cláudia Trongmo, 2023

Mãe, 2023
Acrílico, carvão, pastel, tinta fluída em papel de algodão feito à mão 640g, em moldura de carvalho com vidro museu.
93x120 cm

DIANA COSTA

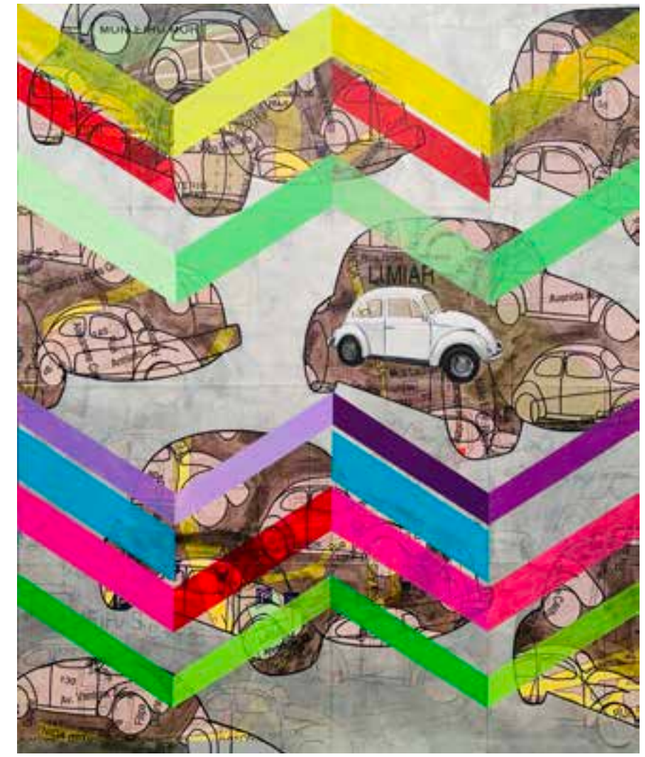
Biografia

Diana Costa nasceu no Porto, Portugal em 1979. Atualmente vive e trabalha em Lisboa. Licenciada em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Mestre em Pintura pela Wimbledon School of Art em Londres e Doutorada em Pintura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Tem exposto regularmente em Portugal e no estrangeiro. Recebeu o 1º Prémio de Pintura no BHF Bank-Londres em 2002 e o 1º Prémio na Bienal de Arte Jovem de Penafiel em 2002.
É professora universitária desde 2003 e atualmente é Profª Auxiliar na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.

Sobre a obra

O contexto do meu trabalho frequentemente aborda questões sociais, emocionais e existências que façam parte da minha vida, encaixando-se constantemente numa abordagem autobiográfica.
Há uma declarada exploração da identidade num mundo moderno e complexo que nos coloca permanentemente em situações desafiadoras. Procuro fazer pinturas que exploram uma pesquisa por significados que procuram subverter as expectativas e questionar as normas estabelecidas, apresentando abordagens inovadoras e desconstruindo convenções estéticas.
O espaço de atelier oferece uma espaço criativo para explorar expressões, visões e reflexões através da cor, da forma e dos ícones.

Diana Costa, 2023



S/ Título, 2023
Acrílico e colagem s/ tela
120x100 cm

S/ Título, 2023
Acrílico e colagem s/ madeira
84x120 cm

ENGRÁCIA CARDOSO

Biografia

Engrácia Cardoso (Tomar, 1976), vive e trabalha em Lisboa. É Mestre em Artes Plásticas-Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa e licenciada em Desenho pela Escola Superior Artística do Porto. Foi selecionada para II Bienal de Desenho de Almada (2018) e para o Prémio Paula Rego - Casa das Histórias, Museu Paula Rego, Cascais (2016). Foi a vencedora da Bolsa Prémio Viagem Henrique Silva - Bienal de Cerveira em 2008/2009 e vencedora do VIII Grande Prémio de Pintura Fidelidade Mundial (2004). Está representada em coleções particulares, públicas, nacionais e internacionais com obras e ilustrações presentes em publicações de editoras nacionais.

Sobre a obra

O tempo para fazer nascer

É do amor pela natureza que produzimos quando unificamos os elementos dispersos do mundo sensível, na expectativa de os elevar a um nível superior de realidade.
Coloco o corpo num campo aberto a experiências, num equilíbrio que condensa o significado, a contemplação e a frescura das sensações fugazes. Parto do turbilhão de emoções e do caos da imaginação para a ação em que a interpretação e a criação fragmentada de um conjunto de ideias se desenrolaram pela praxis, tecendo-se e fundindo-se novamente com o universo (o todo que é a natureza). A perceção que transforma as peças em unidades isoladas ou em porções da unidade global é o primeiro passo - ainda que afetivamente neutro - da intuição estética. A este passo, sucedem-se a impressão sentida e o valor reconhecido enquanto ingredientes de uma visão em crescente aprofundamento. A visibilidade de uma paisagem e a irradiação afetiva que dela emana são as faces do mesmo sentimento, tudo está ligado ao todo.

Engrácia Costa, Lisboa, 2023

Pedras no caminho, 2022
Óleo s/ tela
100x100x4 cm

Rumo, 2022
Óleo s/ tela
100x100x4 cm

FÁTIMA SPÍNOLA

Biografia

Fátima Spínola (1984) é licenciada e pós-graduada em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Tem vindo a desenvolver o seu projeto artístico na área do Desenho, da Pintura, da Instalação e mais recentemente, da Vídeo-performance. Entre 2012 e 2014, participou como artista plástica e cogestora do coletivo artístico "Mad Space Invaders" e é, desde 2012, cogestora do projeto "Espaço 116". Entre 2017 e 2023, desenvolveu projetos de curadoria e produção de exposições e de projetos de Arte Urbana. Expõe desde 2000 em Portugal, Espanha, Itália e Brasil, estando representada na coleção Imago Mundi de Luciano Benetton (Itália), na coleção Périplos - Arte Portugués de Hoy do Centro de Arte Contemporânea de Málaga, (Espanha) e em coleções privadas na Suíça, na França, na Escócia, em Portugal e no Brasil.

Sobre a obra

"Ponto de Fuga" surge a partir de processos de desconstrução da figura humana. A violência é colocada em destaque de forma objetiva e física, mas também de forma simbólica, subjetiva, consciente e inconsciente. *Ponto de Fuga* trabalha sobre a observação da fabricação contínua de crenças, que fazem com que o indivíduo se posicione no espaço social segundo critérios e padrões do discurso dominante, desconstruindo-o e recriando-o de forma poética.

Fátima Spínola, 2023

Ponto de Fuga, 2022
Instalação
200x150x150 cm

INÊS D'OREY

Biografia

Inês D'Orey (Porto, 1977) formou-se em fotografia no London College of Printing. Grande parte do seu trabalho artístico incide na transformação da identidade patrimonial da cidade contemporânea. A arquitectura, a polis, a fronteira entre espaço público e privado, a investigação sobre os lugares e seus contextos são alguns dos elementos que constituem o seu corpo de trabalho, cujo principal meio é a fotografia, ainda que com fusões com a instalação e o vídeo. Expõe, publica e faz residências artísticas com regularidade em Portugal e no estrangeiro. Está presente em diversas coleções privadas e públicas.
É representada pela Galeria das Salgadeiras (Lisboa) e pela Galeria Presença (Porto).

Sobre a obra

O porto interior de Inês d'Orey reúne um conjunto de fotografias de interiores de espaços institucionais e de caráter público da cidade do Porto registadas entre 2006 e 2011.
Se, por um lado, a objetividade destes espaços é óbvia, no sentido de espaços públicos edificados numa cidade com um nome, com uma identidade, e marcada num mapa geográfico mundialmente aceite, por outro, a subjetividade é assinalada, intencionalmente, pelo silêncio humano que nos transporta para espaços com um tempo sem tempo. Em conjunto, emerge a narrativa de uma cidade simultaneamente real e imaginada.

Inês D´Orey, 2023

Palácio da Justiça #1, da série Porto Interior, 2010
Impressão a jacto de tinta 100% algodão
80x80 cm

MAGALI MARINHO

Biografia

Magali Marinho (1981, França) é licenciada em Artes Plásticas pela ESAD-CR (1999-2004). Foi bolseira do programa Sócrates/Erasmus na Accademia di Belle Arti di Venezia em Itália (2004). Fez o Curso Independente de Artes Visuais pela Escola Maumaus, dirigida por Jurgen Bock, em Lisboa (2008). É mestre em Ensino de Artes Visuais (ULHT –2015) e fez uma Especialização em Cerâmica e Vidro (2015). Ultimamente tem feito formações ligadas à importância do Atelier enquanto ferramenta artística e pedagógica. A sua produção artística abrange maioritariamente os domínios do desenho, pintura e instalação artística, preocupando-se com temas que revisitam os conceitos de espaço, paisagem, lugar e não-lugar, repetição e ornamentação, enquanto eixos de investigação e diálogo. Interessa-se também pela educação artística enquanto área de atuação, reflexão e investigação, tendo começado a trazer esses temas também para a sua prática artística. Destacam-se alguns projetos como As cidades e os símbolos - ATLAS (Leiria); ORNAMENTUM (Leiria), Não Me Cortes o Cabelo Que o Meu Pai Me Penteou (Torres Vedras), Ornamento e Crime (Lisboa), La Fenêtre (Lisboa), Wintergarten (Lisboa) ou Gold & Green (Guimarães).

Sobre a obra

Ao longo do meu percurso enquanto artista predomina um interesse pelos lugares de atuação da pintura enquanto meio, e em particular da pintura abstrata na contemporaneidade. Mais especificamente, mantenho uma reflexão sobre a pintura no campo expandido, com gestos que carregam significados recolhidos não só do campo artístico mas também de outras áreas do pensamento. Depois de um genuíno interesse pelo conceito de paisagem, e a sua relação com a história da pintura, tenho um certo fascínio pela geografia enquanto ponto de partida conceptual que problematiza a relação do indivíduo com o espaço, o lugar e o território.
A série FRAGMENTED LANDSCAPES surgiu do desafio de representação quando interditos de movimento por uma causa pandémica. A paisagem interdita. A primavera proibida. As vistas enclausuradas. A narrativa abstrata é fragmentada e representada por lapsos de memória e recorrente quebra formal. O verde é utilizado como artifício, como corte, como dobra de pensamento, ao mesmo tempo que dá corpo, marca pausa, unifica. Deste modo, o uso que faço deste verde há muitos anos, une trabalhos díspares que eu considero complementares, como um coleção interminável. Escolho trazer esta obra porque vejo nela também representadas a vulnerabilidade e a força. O expressivo e o racional. Aquilo que se mostra e o que se esconde. Assim vejo a maternidade. As dificuldades inerentes são igualmente uma forma de poder, quando as abraçamos e fazemos delas aliadas. É urgente sair de uma visão enclausurada.

Magali Marinho, 2023

Fragmented Landscapes #1 , 2021
Acrílico e barra de óleo s/ tela
120x100 cm

PATRÍCIA OLIVEIRA

Biografia

Patrícia Oliveira (1983) é escultora e professora na Escola de Arquitetura, Arte e Design da Universidade do Minho em Guimarães.
Mestre em escultura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, tem uma visão lata do campo que esta área compreende. Deste modo, tem desenvolvido projetos de índole transdisciplinar com enfoque no espaço público e nas questões ligadas ao corpo e à sua performatividade, partindo da experimentação e investigação prática de múltiplos meios, tecnologias e do conhecimento partilhado com as comunidades onde o mesmo se desenvolve.
A par do seu trabalho de criação autoral partilha o seu conhecimento e as suas inquietações artísticas em projetos educativos com instituições de diversas áreas formais e informais, inclusive académicas que desenvolvem trabalho com crianças, jovens e grupos de mulheres.
Esta representada em coleções nacionais e internacionais.

Sobre a obra

Ensaio entre o vazio e o cheio relaciona o que é denso com o que é menos denso, cria um espaço de respiro à opacidade através da transparência. São formas em potência que repousam e criam entre si um arquipélago próprio. Falam de um espaço-corpo que respira entre os fluxos de encher e esvaziar, entre o denso e o leve. Aqui o cheio são formas de nós maciços em gesso, sabão e cerâmica, uma investigação plástica que se foca nesse espaço de fronteira, de tensão entre os seus valores e de possibilidade de coexistência destas matérias com o vidro, seguindo a esteira de um pensamento formal conectado com o têxtil.

Patrícia Oliveira, 2023

*Obra selecionada em 2022 (Ano Internacional do Vidro) pela Sociedade Espanhola de Vidro e Cerâmica para o Congresso Iberoamericano de Mulheres Artistas e Cientistas no vidro no MAVA_ Alcorcón-Madrid.
Obra selecionada para. Bienal Internacional de Arte em Cerveira. 2020

Ensaio entre o vazio e o cheio, 2019
Escultura em vidro soprado, gesso,
sabão e cerâmica
(Apoio: Cencal Marinha Grande)
200x200x25 cm

SARA MAIA

Biografia

Sara Maia concluiu o curso de Artes Plásticas do AR.CO em 1997 e expõe regularmente desde 1992. Tem trabalhado com galerias nacionais e internacionais e participado em projetos quer em Portugal, quer em países como Espanha, França, Inglaterra, Irlanda e Itália, e mais recentemente no México. Participa regularmente em feiras de arte, como é exemplo a "JustMad", em Madrid e a JustLX. Passou também pela ARCO, International Art Fair (Cologne) e FAC – Contemporary Art Fair, em Lisboa. Participou no Grand Palais em Paris e na FIAC (Paris).
As suas obras integram importantes coleções de arte contemporânea, nomeadamente as do Banco Privado, Coleção Berardo, Museu de Arte Moderna, Coleção Mário Sequeira, Coleção Juan Bartez (Madrid), Galerie Patrice Trigano (Paris), Fundação Ilídio Pinho, Caixa Geral de Depósitos, Sáragga Leal, Luciano Benettone e P.L.M.J.

Sobre a obra

"O meu trabalho fala sobre o Ser Humano, as suas relações, hierarquias, poderes, o racional e o irracional, bem como a inconstância e a beleza da Vida.
Conto histórias, muitas vezes delirantes, e crio imagens onde o simbolismo está sempre presente.
Histórias que transmitem e traduzem ideias e sentimentos.
A minha imaginação alimenta-se dos registos quotidianos, da minha infância, memórias, passado, presente e quem sabe de um futuro inventado."

Sara Maia, 2023

Da noite para a Luz, 2022
Acrílico s/ papel
29,7x42 cm (cada)

SUSANA BATALHA

Biografia

Susana Batalha (Évora, 1985) vive e trabalha em Reiskirchen, Alemanha. É licenciada em Artes Plásticas-Pintura (2008) pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa e mestre em Educação Artística na Justus-Liebig, da Universidade de Giessen (2014). Expõe desde 2008, tendo realizado diversas exposições individuais e coletivas em Portugal e na Alemanha. A par da prática artística, trabalha ainda como Assistente Social no Campo de Acolhimento a Refugiados em Giessen (2015) e, desde Outubro 2022, como Chefe de equipa de Assistência Social na mesma organização.

Sobre a obra

Os trabalhos apresentados fazem parte da série “Who’s afraid of women?”, incluída na Tese de Mestrado em Educação Artística, realizada entre 2013 e 2014.
Trata-se de uma reflexão autobiográfica acerca de temas como a Maternidade, a aparência física e a saúde mental, relacionando-se ainda com a condição da artista enquanto imigrante na Alemanha e a sua experiência da maternidade.
Esta série parte da necessidade de expressão de emoções sem julgamento social, e da relação, sempre tensa, entre as expectativas sociais (de diferentes culturas) ligadas aos conceitos de “mãe” e “mulher”, e a necessidade de autocuidado e respeito pelas próprias necessidades. Neste sentido, a artista explora a possibilidade de expressar as emoções (por vezes, contraditórias) de uma forma visual, através de um processo de identificação, aceitação e libertação das mesmas. Encontramos, assim, o cruzamento entre o realismo do retrato e representações estilizadas do corpo, bem como a presença de pintura gestual e o *dripping*, técnicas próprias do Expressionismo Abstrato. Este cruzamento de linguagens procura, por um lado, na exteriorização das emoções, resultando, por outro, a desconstrução e desmistificação de ideais preconcebidos ligados à maternidade.

Susana Batalha, 2023

Princesa, 2014
Tinta acrílica s/ papel
155x100 cm

Bambi, 2014
Tinta acrílica s/ papel
155x100 cm

Bode expiatório, 2013
Tinta acrílica s/ papel
97x125 cm

Medusa II, 2023
Tinta acrílica s/ papel
77x125,5 cm